DIREÇÃO
de
HENRIQUE DE RESENDE
MARTINS MENDES
e
ROSARIO FUSCO

NUMERO . 5
ANNO . . . 1
REDAÇÃO
e
ADMINISTRAÇÃO
RUA CEL. VIEIRA, 53
CATAGUAZES – MINAS

SUMARIO

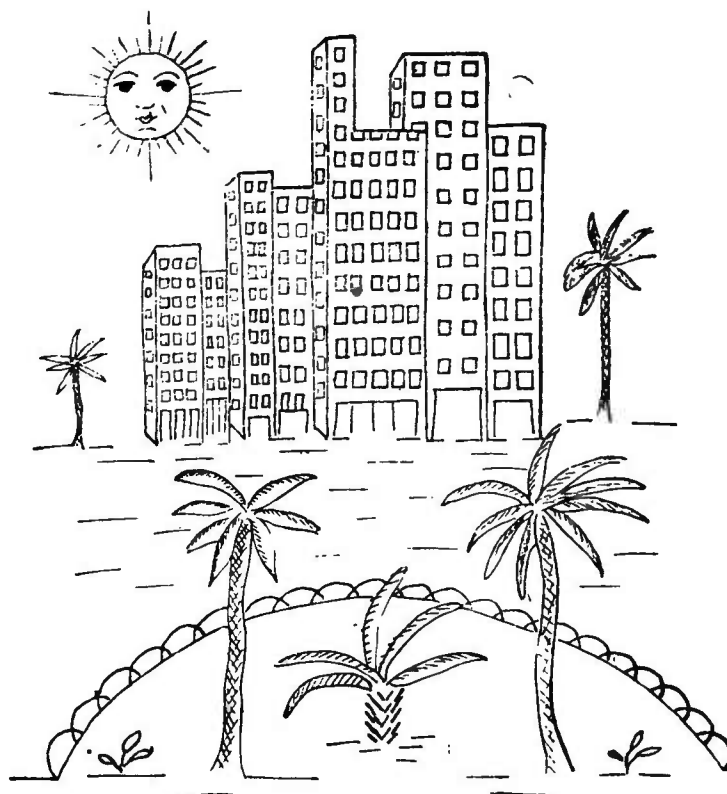
APONTAMENTOS DE

Numero especial: com um suplemento relativo aos mezes de Fev., Março, Abril e Maio

ESTE NUMERO — 1$500 ASSINATURA — 11$000

MARIO DE ANDRADE

VERDE

ANNO 1 | CATAGUAZES — JANEIRO 1928 | NUMERO 5

MARIA CLEMENCIA

gente, é a pintora do sol, dos pampas e das palmeiras, por écelencia. Dona dum dos mais bélos lapis da férvida Argentina dagora. Pra nós, *verdes*, é uma baita felicidade iniciarmos com este interessantissimo *dibujo* uma serie de colaborações de pequeninos motivos de Maria Clemencia, fixados e marcados com aquelle seu geitinho de simplicidade admiravel.

Brevemente publicamos duas evocações biblicas de sua autoria: *Los Reys Magos e Moysés salbado de las aguas.* Desenhos magnificos duma encantadora, profunda penetração psicologica do motivo impresso.

EL NOCTURNO DE LOS CUERPOS ANHELANTES

Del próximo libro EL VIENTO DEL MAR

Hasta el silencio de tu frente
llegaron mis labios con sus besos.

En la vida de tus ojos
estaba tendido el camiño de los sueños.

(La noche de tu cuerpo anhelante
sentía la solitaria maravilla
de mi corazón abierto
en los cantos del mar)

En el reposo de tus pechos
mi cabeza tuvo un refugio sereno.

¡Me esperaba tu cuerpo anhelante!

(El llamado de las aguas lejanas
quería quitarnos
el camino de los sueños)

Nuestros cuerpos habían desplegado
el gritos de los viajes largos!

Tu agitaste sobre el afan del mar
la solitaria maravilla de mi corazón.

Yo elevé hasta las estrellas del cielo
el silencio de tu frente.

¡Entonces la noche tuvo
dos cuerpos anhelantes
corriendo
en el camino de los sueños!

NICOLÁS Fusco Sansone

Nicolás Fusco Sansone—jovem poeta uruguayo é o autor de *La Trompeta de las voces alegres*—poemas 1925. Um delicioso livro de estréa que foi uma revelação e um ezito.—(*Antologia de la moderna poesia uruguya* — I. Pereda Valdés). Fundou em 1920 a revista de combate *El camiño*. Colabora em Martin Fierro, Prôa, Carátula e etc. Tem vinte anos apenas e reside actualmente em Montevideo, sua cidade natal.

MULA - DE - PADRE

PRA MARIO DE ANDRADE

Um dia no engenho
Já tarde da noite,
Que estava tão prêta
Como carvão...
A gente falava de assombração:
—O tio de Pinga-Fogo appareceu morto na matta com o peito varado pela canella de Pé-de-Espeto!
—O cachorro de Brabo-Manso levou na sexta-feira uma surra das Caiporas!
—A Mula-de-Padre quiz beber o sangue da mulher de Chico Lolão:
Na noite tão preta como carvão
A gente falava de assombração!
Lá em baixo a almanjarra,
A rara almajarra,
Gemia e rangia
Que o engenho Alegria
E' bom moedor...
—Êh Andorinha!
—Êh Moça branca!
—Êh Beija Flôr!
Pela bagaceira
Os bois ruminavam
E as eguas pastavam
Esperando a vez
De entrar no rojão...
E a gente falava de assombração!
Foi quando se deu a coisa esquesita:
Mordendo, rinchando, ás pôpas e aos pulos
Se pondo de pé com artes do Cão,
Surgiu uma Bêsta sem ser dali não..,
—Atalha a bicha, Barauna!
—Sustenta o laço, Maracanã!
E a Bêsta agarrada
Entrou na Almanjarra
Tocou-se-lhe a peia
Até de manhã...
E depois que ella foi solta entupiu no ôco do mundo!
Num abrir e fechar d'olhos a maldita se encantou!

De tardinha,
Gente vinda
Da cidade
Trouxe a nova
De que a Ama
De seu Padre
Serrador
Amanhecera tão surrada
Que causava compaixão...

. .

Na noite tão preta como carvão
A gente falava de assombração!
Do «Canna Caiana».

ASCENSO FERREIRA.

A DESCOBERTA DE CATAGUAZES

Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguazes!

A contingencia das enormissimas distancias criou entre nós o habito dandy, de uma pose um pouco Anatole France (um pouco 1910), de duvidarmos mutuamente da existencia das nossas cidades. Podemos ir a Petrogado e voltar em menos tempo do que um habitante de Porto Alegre terá de gastar para ir a Manaus. (Sem fallar em que a viagem á Russia é mais commoda). Por isso o brasileiro da rua do Ouvidor (principalmente o brasileiro da rua do Ouvidor), diante do mal irremediavel, criou esta defensiva para a sua indifferença: Manaus não existe, Cuyabá não existe, Goyaz não existe, etc. João do Rio tem numa comedia um perpersonagem que duvida da existencia real de Goyaz. Parece que é na «Eva». E esse personagem, que habilmente preparara um madrigal atacante, exclama num rasgo para a moça bonita da peça: «—O' meu Goyaz és tu!» Entretanto, o exagero, na razão directa das nossas descuidosas indifferenças patrias, chega ao ponto de, em pleno Districto Federal, haver quem duvide de Cascadura. Apezar dos bondes com as taboletas insophismaveis: «Cascadura» Apezar da minha prezada amiga d. Gilka Machado já ter morado lá e garantir que Cascadura existe. E' atrevimento duvidar da palavra de uma pessôa tão seductora.

Assim, Cataguazes. Em vão Astolpho Dutra foi presidente da Camara dos Deputados Federaes. Em vão Astolpho Resende é uma das figuras mais formosas do direito brasileiro: a par da bondade pessoal, a luz clarissima da cultura e da intelligencia rica. Nasceram em Cataguazes? Mas onde é Cataguazes?

Subitamente, "Verde": um bofetão na atonia literaria nacional. Poesia. Escrevem prosa tambem, mas tudo aquillo (a capa, os annuncios de sapatarias, a provavel divida crescente para com o typographo, umas photographias muito cheias de borrões, uns rapazes a escrever para todo mundo que não conhece «tu prá cá», tu prá lá»), tudo aquillo é poesia. Como é bom ter vinte annos!— digo-lhes eu que faço 30 no proximo 12 de março. Essa fé, esse impulso, essa virgindade criança de todos os appetites!

—«O Brasil tem que saber de nós. E' urgente».

O' *«jeunes gens de Catacazes»*! O grande poeta Blaise Cendrars, evidentemente, não podia escrever certo: Cataguazes.

Não se trata de um cidadão francez? Aliás, como ficou saborosa aquella corrupção cacophonica da palavra!

E todo mundo ficou acreditando. Todo mundo foi ao mappa, roçou o dêdo pela superficie, procurando, apertando os olhos, até achar: Cataguazes. E todo mundo sentiu ternura. Os jornaes falam. O sr. Tristão de Athayde escreve. O sr. Blaise Cendrars provavelmente estará compondo um poema:

Catacazes
Je voudrais bien y aller.
Ce n'est pas tres loin, peut-être.
Ma petite ronde insouciante et
légere de jeunes poètes
Que j'aime
Comme j'aimerais un ananas!

A commoção nacional augmenta, chega ao desespero, descabella-se, quando se verificou esta coisa grande: «Verde» appareceu quando não existia nenhuma revista exclusivamente de literatura no Brasil! (Aqui, é inadiavel intercalar um poema:

POLITICA (*)

Trinta e cinco milhões
O maior paiz do mundo em recursos naturaes na opinião
de diversos viajantes
não subvencionados pelo
Governo
A estatistica do sr. Bulhões Carvalho
Me enche de fundas melancolias civicas.
Deixa estar jacaré que a lagôa ha de seccar)

Ah! Cataguazes! que sensibilidade, que doçura, que cheiro bom de matto humido de manhã cedo!

Como ha vida nessas paginas da tua revista! Não sei qual é a opinião do teu presidente da Camara Municipal, nem sei tambem si as outras pessoas sensatas da localidade acreditam em «Verde»! Talvez lhes succeda como com a neblina: não a vemos quando estamos dentro della. Nós, porém, que vivemos pela vastidão annexa do paiz (residindo em outros ramaes ferroviarios) nós sabemos—em segredo—que «Verde» integrou Cataguazes na realidade nacional attingivel.

E jamais—oh! jamais!—um comediographo petulante poderá pôr agora na bocca de um personagem esta declaração de amor:

«—O' meu Cataguazes és tu!»

RIBEIRO COUTO

(*) Este poema, apezar do sarcasmo ácido, não é do meu amigo Carlos Drummond de Andrade, nem de nenhum outro membro do Partido Democratico da Poesia Nacional.

BALÁDA DO ARCO - IRIS DA GENTE

PARA ROSARIO FUSCO

Sempre que vejo o arco-íris
me vêm á lembrança muitas coisas passadas
—muitas coisas lindas e muitas coisas tristes
que eu tenho gravadas dentro de mim.

Vermelho da minha íra
Anilado da minha infantilidade
Rôxo do meu pezar
Laranja do meu desejo
Azul do meu ideal
Amarélo da minha desesperança.

Fica faltando a côr verde
no meu arco-iris interior.

Eu quizéra ter o meu arco-iris completo
mas você me tirou a côr verde
e eu fiquei com as outras côres todas
dansando confusas
dentro de mim.

Guilhermino
Cesar

1928

PRÉSENTATION DE LA JEUNE FILLE

En introduisant dans notre boîte-à-surprise les primeurs d'un chansonnier inédit je tiens à affirmer d'abord que je n'invite personne à faire le voyage de cette jeune-fille. Il y a dans certaines manifestations de notre époque un médievalisme subtil. Plaisons nous à imaginer les femmes enfermées toute leur vie dans une chambre. Ou bien ces barons qu'ayant raté le loup, s'amputaient la main coupable. Dans la parade des sports humains il faut faire place à l'équipe des gestes d'orgueil dont la secrète beauté n'est qu'une reconnaissance de lumière. Est-ce que l'ombre peut bifurquer les êtres verticaux sans la prémisse du soleil? Et je plains les homens dont l'amour est tellement matrimonial qu'ils croint à l'inutilité de l'ombre.

J'ai choisi pour vous révéler la musique rafinée de Dolour, deux morceaux extraits de l'Exercice ou Prétexte Surréaliste ou Surtexte Réaliste. Surtexte Réaliste... Voici des mots qui ont des valeurs de trompette. Ils sont si métalliques qu'ils me donnent la saveur de l'exactitude. Dolour a frappé juste. Son Exercice, d'une si psychologique intensité, d'un si haut lyrisme, d'une homogénéité qu'on de peut comparer qu'à celle de la banane, est un monoplan fidèle dans lequel Dolour survole ses passés imaginaires. Il lui fallait choisir entre le ruisseau et le confessional... Dolour choisit le ruisseau. Même si l'on écarte Wagner de la route, peut-on nier les murmures de la forêt?

Aprés ses denières vacances, Dolour muscla son visage dans les traits d'une Minerve et se mit à écrire. Je n'attends pas le second acte. Je ne crois même pas á sa possibilité. Dès que le passé commence réellement d'exister la musique se tait à la cruche des violons rimbaldiens.

Car j'insiste sur la musicalité de ces morceaux. Essayez de les qualifier. Ils peuvent se festonner seulement de ces vagues qualificatifs psychologiques propres à l'art musical. On peut dire qu'ils sont intenses, ou gracieux, ou calms, ou dramatiques. Mais personne n'arrivera à déceler la réalité intelectuelle qui se cache, ou n'existe même pas, derrière les vagues d'harmonie.

Mais faut-il bien savoir qu'un inconnu commanda à Mozart son Requiem? N'épinglez jamais les chevelures! Vous resterez entomologiste. Rêves, larmes, courages, révoltes, Dolour les a réalisés dans un surtexte ailé. C'est de la poussière. Mais une poussière d'or.

MARIO DE ANDRADE

I

Faire le canton en extase, faire le centaure en Chamounix, faire le quasi en évantail cache tout, une seule loupe augmentera l'eau de Javel comme fortin de tes fonctions d'amadou. La douche d'automne a fait sa carrière presque veuve d'une amarre sure et délicate. C'est presque mieux de glisser, de picoter, de réduire, rotir, protester, clamer la futilité diminutive, que d'annihiler les conventions célestines. Sans intervention des ciseaux rithmiques, se plonger sans fatuité dans l'horloge à concurence concentrique. Pour les roses de midi on doit s'efforcer à une conclusion liberticide.

Á l'aliquot pour toujours!

II

Les ballets font fureur, ainsi les hippocampes sautent comme des rames en attendant l'ondine iris. Tout un monde de radiolaires viendra s'exercer dans un triomphe quinconce. Les valérianes feront cent á l'heure espérant un calme absolu pour surprendre les ballets des syngnathes. Hippocampes—vous qui fûtes la lutte des flots et qui maintenant maintenez une revolution agenda, semez les argonautes qui comptent parmis vous en m'envoyent quelques cyprines en coquille· Laissez les littorines sommeiller sept années rampantes. Hippocampes—vous qui attendez les étoiles astéries des cieux lointains, qui supplantez les madrépores féroces, qui maintenez une amitié absolue avec les syngnathes compagnes d'enfance, vous qui jusqu'à présent avez soutenu votre race intacte sans évolution, cherchez maintenant à soutenir cette dance hippique dont vous connaissez si bien les vérités au fond d'une mer de légumes.

DOLOUR (D. A.)

PAPEL DO INSTINTO NO MUNDO ATUAL. FREUD.

I

Antes de entrar no estudo da importante teze que epigrafa este artigo, será necesaria uma analize do papel do instinto na formação da sociedade e na organização do Estado. A simples observação do mundo, na sua situação politica atual, força-nos a concluir que o estado de organização vigente foi producto duma elaboração demorada.

Por outro lado, a istoria da umanidade nos ensina que o mundo, como o vemos, assim não foi sempre.

Os Estados, como os entendemos modernamente e sobi o ponto de vista juridico, não ezistiram desde o inicio da vida no planeta.

A' sua formação antecedeu o periodo da vida coletiva, sem o vinculo juridico do Estado, o periodo da sociedade, emfim, tomando-se esa palavra no seu sentido em direito.

Não tendo veriguado a teoria de Rousseau, não podemos crer na ezistencia dum periodo de estado natural, antecedente á sociedade.

A' razão repuguina a idéa do contrato social e seria inutil argumentar contra uma teoria que, como a de Saviguy referente á posse, deveria ser relegada ao sol das curiozidades arcaicas, no dizer de Meulenaere.

Donde, concluimos: os omens sempre viveram em estado de sociedade.

Esa vida coletiva pode ser dividida em dois periodos: o periodo da sociedade e o periodo do Estado.

A sociedade primitiva O omem, o zoon politicus de Aristoteles, é o animal esencialmente gregario.

Donde naceu, porém, ese sentimento de sociabilidade ?

Vejo no instinto a força giradora. Sinão, ezaminemos. Si acazo disermos que, no inicio, só ezistiam um omem e uma mulher (e temos de adimitir a coezistencia dos dois sexos, em face da reprodução), teremos de, ipso facto, adimitir a doutrina de que a sua reunião naceu, primariamente, da força do instinto sexual.

A imperioza necesidade de satisfação dos instintos os reuniu. No principio, a obediencia do omem ás forças da natureza era cega e abisoluta.

Mas, si disermos que simultaneamente apareceram no planeta varios ou muitos omens e mulheres, teremos de adimitir a vida deles em estado de sociedade, pela força do instincto de conservação. E porquê, no planeta, no principio da vida, as condições de ezistencia asim o ezijiam. Basta um simples raciocinio, ou antes, as ousadas dos mastodontes diso nos convencem...

Periodo do Estado. Os omens, reunidos em sociedade, pelos instintos, e imperioza necessidade de satisfação deles, pela necesidade de defeza contra o meio ambiente, envolveram-se então em lutas em si. A safisfação integral dos instintos os levou a iso. As paixões nacidas deles, os atirou em conflito. Daí a organização do Estado, rezultante da necesidade de limitação dos direitos e dos deveres de cada um, na coletividade, para a posibilidade da coezistencia deles. O omem, não por livre vontade, mas forçado, deixa o periodo de cega obediencia aos instintos para entrar no periodo das limitações ás forças da natureza. Os instintos querem ser satisfeitos integralmente; na imposibilidade diso, por causa da vida em comum, e não devendo ser disólvida a sociedade, pelos perigos que a todos iso acarretaria, resolvem os omens limitar as raias de ação dos instintos, para garantia da satisfação deles, ao menos em parte.

Donde poderemos concluir que os instintos foram as forças jiradoras do espirito associativo umano.

Mas tarde cream eles a necesidade de sua limitação, para que posam ser satisfeitos, ao menos em parte; estabelecem-se então as regras nas sociedades, surji o Estado.

Mas, o embrião, a força jeradora das mudanças sucesivas da sociedade umana é e será sempre a mesma: a satisfação dos instintos.

ASCANIO LOPES

(Continúa).

AUTORIA DA ARTE DE FURTAR

(Continúação)

Aliás, como disse o real senhor e filho do David: *nihil novi sub sole*; pois si ao grande Seneca articular já approuvera e bastos seculos antes do letrado francez aristocrata: «*oratio* vultus animi est»—e tales hominibus fuit oratis, qualis vita»

Faz-se mister aqui ligeira esplanatoria digressão: querem alguns eruditos que com sua sentença:—«o estylo é o homem—haja aventado o conde a hypothese de as idéas serem um patrimonio da humanidade, emquanto que o estlyo, só, seria privada propriedade do autor, do «homem». Com maior copia de augmentos, somos pela doutrina da equivalente entre o aureo conceito de Seneca e aquelle, não de menor quilate; pelo fidalgo proferido.

Outras autoridades outrosim, acataveis quanto as procedentes, cabem ser invocadas no mesmo proposito. Entre tantas, inclusivé as mais illustres, a senhora marqueza Maria de Rabution-Chantal (mme. de Sevigne, chamada) que com elevado saber e descortino amplissimo brindou-nos do lapidar conceito: «Cada um possue seu estylo». Demais, o notavel coryoheu do romantismo, vinconde de Chateaubriand, do qual se diz em justiça haver enchido o seculo de seu nome, algures assevera, com autoridade de que se não ousaria diminuir em tão elevado engenho: «Não se vive senão pelo estvlo.

(Continúa)

A. FONSECA LOBO

MEUS OITO ANNOS

I

A lua branda e redonda
Surge atraz do cruseiro e vae abrindo
O cofre de joias das estrellas...

No Largo as creanças rodam em roda
e vão abrindo o porta-joias da garganta:

O' ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandá...
Vamos dá a meia volta,
Volta e meia vamos dá...

II

Sob o olhar pisca-pisca das estrellas,
Na velha e tórta rua Direita,
Onde mora o Chico Franco e o padre João..

—Bico será!
—Será pegá!
—Si não pegá!
—Arrume-se lá!
—Tatú tá no munho?
—Moendo fubá!
—Fininho ou grosso?
—Fininho só!

—Fiau! Ajunta no pé, negrada!...

João Dornas Filho

EL VANGUARDISMO EN EL BRASIL

El movimiento moderno en el Brasil, fue un grito de alegria y entusiasmo. Fue el grito fuerte de la gente nueva. Un grito necesario, que encontró repercusión en todos los rincones de la tierra brasileña.

La reacción modernista, entre nosotros, nació de una fatiga unánime. La gente moza de esta tierra libre y joven estaba cansada de contemplar el espectáculo inmutable de la literatura parnasiana. El señor Alberto de Oliveira, con la perpétua parada de gala de sus alejandrinos disciplinados, comenzaba a poner bostezos de tedio en los espiritus nuevos. Y la gente moza del Brasil, teniendo al frente a los Sres. Graça Aranha, Mario de Andrade, Ronald de Carvalho, Villa Lobos, Guillermo de Almeida, Osvaldo de Andrade y otros veinte, deliberó um dia, de repente, para implantar la indisciplina entre los irreprochables soldados de los batallones parnasianos de la Academia Brasileña.

La conspiración se hizo en Río, pero la sublevación estalló en San Paulo, con la «Semana de Arte Moderna».

Nuestros poetas jóvenes, que siempre habian tenido el grado 10 en conportamiento, subitamente silvaron a los ceremoniosos maestros de la Academia, colocándose con resuelto coraje al lado de los revolucionarios de la liberación.

Em seguida, vino el segundo episodio sensacional de la campaña: la conferencia del señor Graça Aranha en la Academia, contra la Academia.

Fue la victoria definitiva. En la confusión incitante del combate se definieron las actitudes. Y en todos los Estados del Brasil él movimento tuvo eco: Aparecieron focos metastásicos de vanguardia en todo el organismo brasileño. En Pará, en Pernambuco, en Bahia, en San Paulo, en Rio Grande del Sur, etc...

Después, el bloch moderno se diferenció: Grupo de Rio, grupo de San Paulo. Más tarde nuevas esciciones y el grupo de San Paulo se subdividió: «verde amarillo», «revolución de Anta», «paubrasil». En Minas surgió otro grupo el de los muchachos de la «Revista» de Bello Horizonte. La muchachada de Río, a sua vez, se escindió. Per esta fragmentación, que en verdad era apenas aparente, en lugar de debilitar el movimiento,lo consolidó. No hubo propiamente divisiones: hubo multiplicaciones. Hoy, en el Brasil, nadie quiere estar ya del «otro lado». Toda la gente quiere formar en la «vanguardia». Y la vanguardia regimenta la indisciplina de todas las gentes jóvenes y libres, sin jefes, sin comandantes, sin gerarquias inútiles.

La hora actual, en el Brasil, es de inquietud renovadora inquietud de todos los espiritus. Como dice muy bien el señor Aníbal Machado, «nosotros tal vez no sabemos todavía lo que queremos, pero sabemos perfectamente lo que no queremos». Y se inauguró así un ritmo nuevo en la vida intelectual del Brasil.

La Critica de la Vanguardia Brasilen.

La vanguardia literaria del Brasil encontró en los señores Agripino Griecco y Tristán de Athayde, sus críticos más considerados.

El señor Griecco, uno de los espíritus más interessantes del momento brasileño, estilista de una vibración sorprendente, esgrimiendo, con agilidade de malabarista las chispeantes armas de una contundente ironía, no quizo todavia escribir un libro sobre los modernos escritores brasileños. Después de haber publicado dos excelentes obras—«Fetiches y Fantoches» y «Cazadores de simbolos», entregóse de lleno a las dispersas actividades de la prensa, publicando en «O Jornal» y en la «Manhã», con asidua regularidad, sus ensayon literarios.

Habiendo comentado en estudios de notable agudeza critica, las figuras más curiosas de la vanguardia brasileña, no quizo hasta ahora transformar en libro essa páginas fragmentarias de historia de nuestra literatura.

Estudios del senor Tristán de Athayde.

Diferente en todo y por todo del Sr. Agripino Griecco, mas no menos interessante, el señor Tristán de Athayde, (cuyo nombre verdadeiro es Alceu de Amoroso Lima), acaba de publicar un volúmen de «Estudios», (segunda serie en el que se encuentra por así decirlo, toda la historia de las últimas reacciones de vanguardia del Brasil.

Dotado de seria y compleja cultura, el señor Tristan de Athayde, es un crítico de agudas cualidades. Estudiando los individuos y las obras en um sentido vertical, él penetra hondo en el alma de nuestros movimientos literarios. agitándolos, discutiéndolos, comentándolos con una clarividencia que desconcierta.

Espíritu grave, reflexivo, de indole conservadora, tuvo, empero, el paradojal coraje de colocarse con simpatía, sino con entusiasmo en el «frente» de la literatura brasilena, entrando resueltamente en las filas de los vanguardistas más extremos, para comprenderlos mejor, para jugarlos con más acierto.

Esto no impedió, todavía, que su actitud haya sido tildada de insincera, pues hay muchos que duden, aún entre las gentes de vanguardia, de los sentimientos modernistas del señor Tristán de Athayde...

En todo caso, no se puede negar que él es uno de los críticos y ensayistas más notable que el Brasil tuvo en todos lostiempos.

Por otra parto, los vanguardistas brasilenos, le deben un servicio inestimable: la crítica del movimiento.

En la segunda serie de los «Estudios» del señor Tristán de Athayde, están incontestablemente los mejores ensayos y los más serios que se han publicado entre nosotros sobre la gente de vanguardia del Brasil. Quien quiera conocer la curva del movimento moderno brasileno no podrá desechar este libro, que es un bello y gran libro.

La tercera corriente

Hubo, también, un joven crítico brasileño, el señor Tasso da Silveira, que escrebió sobre los «Estudios del señor Tristán de Athayde, un palpitante artículo, lleno de graves restricciones, de comentarios recriminatorios, de irreverentes censuras. Expliquemos el origen de la actitud de este crítico con respecto del libro del señor Tristán de Athayde.

El señor Tasso da Silveira, poeta ensayista de ideas modernas, fundó recientemente en Rio, con el Sr. Andrade Muricy y outros camaradas literarios, una curiosa revista de pensamiento y arte FIESTA.

Este semanario de vanguardia, fue recibido com natural simpatía en lo principales centros de cultura del país, vino a integrar en el movimiento moderno algunas interessantes figuras.

Aunque hecho com mucna gravidad y sin la alegría que marca el ritmo de todos los gestos de vanguardia en el Brasil. FIESTA representaba una actitud altamente simpática, incorporando al movimiento de liberacién que se operaba en todo el país algunas inteligencias vivas, curiosas, llenas de vibración, llenas de entusiasmo.

Y el señor Tasso da Silveira. se disgustó con el señor Tristan de Athayde exactamente porque este crítico en sus «Estudios», (segunda serie), haciendo la historia de nuestro movimiento de vanguardia, olvidó el grupo de FIESTA.

El grupo de FIESTA, que el señor Tasso da Silveira convino llamar "la tercera corriente", (la primera sería la de Rio, con los señores Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Graça Aranha, etc., y la segunda la de San Paulo, con los señores Osvaldo e Mario de Andrade, Prudente Moraes Netto, Sergio Buarque, Alcantara Machado, etc., o vice versa,) no podía conformarse com el olvido del señor Tristan de Athayde. Realmente el olvido del señor de Athayde fue injusto, mas fue hasta cierto punto explicable, por cuanto sólo ahora los muchachos de la tercera corriente se diferencian com nitidez e se organizan, constituyendo um grupo aparte, com programas e ideas proprias.

El "Grupo Verde"

Empero, quien quisiera aceptar la «tercera corriente del senor Tasso da Silveira, para ser justo, tendrá que inconporar a nuestro movimiento de vanguardia una corriente más: la «cuarta corriente», que estaria constituiada por el grupo de la VERDE, de Cátaguazes (Minas).

Este grupo es, de suyo, interesantísimo, y surge con una de las revistas mejores que el modernisno ha conocido en el Brasil.

El personal de la VERDE está dotado de más alegría, de más vivacidad, de más entusíasmo que el grupo de la FIESTA.

Habiendo nacido en una remota ciudad del interior del Estado de Minas, esta revista as una deliciosa revelación, poniendo a gente moderna del país en contacto con una generación sorprendente de poetas y prosadores de vanguardía.

Después de esto, los muchachos de Cataguazes tienen, sobre los de la FIESTA, una ventaja apreciable: se encuentran menos atados a los prejuicios partidarios.

En tanto que en la FIESTA se siente nítidamente la preocupación partidaria del "grupo", los muchachos de la VERDE hacen cuestión de proclamar su independencia, garantizando que no tienen ligazón de especie alguna con otras ruedas literarias del país o del extrangero.

Sin embargo, ya hubo quien observase, - y no sin alguna razón,—que los muchachos de Cataguazes son tributarios de los modernistas de San Paulo, (grupo del senor Mario de Andrade).

El grupo «verde», sin embargo en su manifiesto declara com gravidad y convicción:

1º—Trabajamos independientemente de cualquier outro grupo literario.

2º—Tenemos perfectamente demarcada la linea divisoria que nos separa de los demas modernistas brasilenos y extrangeros.

3º—Nuestros procederes literarios son perfectamente definidos.

4º—Somos objectivistas pero diversísimos unos de los otros.

6º—No tenemos ligazón de especie ninguna con el estilo y el modo literario de otras ruedas.

6º—Queremos dejar bien sentada nuestra independencia en el sentido «escolástico».

7º—No damos la más minima importancia a la crítica de los que no nos comprenden y es sólo eso.

Ahí está, en esa rápida noticia, una síntesis clara del actual movimiento de las ideas en el Brasil.

Después hablaremos más detenidamente sobre esas diversas corrientes en que la actualidad literaria de nuestra gente de vanguardía, mostrando la significación de sus ideas, de sus programmas y de sus obras. Desde ya, por otra parte, debo decir, para ser exacto y honesto, que ninguna generación, en ningún tiempo, realizó en el Brasil una obra tan bella y tan fascinante, como la que están realizando en esta hora los modernistas.

PEREGRINO JUNIOR

(Artigo a sair em *Martin-Fierro*).

SÃO PAULO NA FEDERAÇÃO, de SOUSA LOBO

Da phrase primeira de seu estudo sociologico genial inicia Sousa Lobo o fio logico de suas ideas fundamentadas em profusa, autorisada, preciosa documentação estatistica.

Dissecador de phenomenos nos expõe o cyclo, a marcha seguida no caldeamento de nossa nacionalidade. Depois de sentir de perto o borbulhar daquellas energias determinantes da evolução factorando-se, scindindo-se, eliminando-se, reunindo-se, para a synthese final—Brasil,—convence-se a gente que depois de Sousa Lobo nada mais se pode dizer sinão asneira.

Defeitos, falhas, inferioridade de novo Brasil nos são expostos irretorquivelmente. O autor justifica sua invensibilidade scientifica: «são verdades duras mas não são do numero das que se não devem dizer».

E' sua idéa fundamental: como entre os individuos, as desigualdades economicas estabelecem jerarchias entre nações e povos. Haja depois procurar nessa collocação nessa jerarchia da potencialidade. E em seguida qual deveriamos ter ante o vulto de reservas dynamicas da natureza fornecida e qual que teremos no futuro, attenta nossa deficiente actividade e energia.

Culpa disso tudo ?—a mestiçagem desordenada da raça, sem criterio scientifico algum. Não vou discutir o problema: discutam-no com Sousa Lobo, mas leiam antes do protesto sua obra, exijo eu. Se depois tiverem coragem falem.

Souza Lobo não é o demolidor. Não se limita a diagnosticar. Tampouco nos medicamenta panacéas. Equacionado o problema basico—crise racial—a analyse regida so-

Suplemento relativo aos meses de Fevereiro, Março, Abril e Maio do âno de 1928

COM POEMAS DE:

SERGIO MILLIET, AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT, MARQUES REBELLO, MARTINS MENDES, HENRIQUE DE RESENDE, SAÚL DE NAVARRO E ROSARIO FUSCO.

PRÓSA DE:

P A U L O   P R A D O

O grupo VERDE e os outros

NOTICIAS SOBRE LIVROS E OUTRAS NOTICIAS

O artigo S. PAULO NA FEDERAÇÃO continúa depois do suplemento

DO "RETRATO DO BRASIL"

«ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA»

(Especial para VERDE)

... Ao findar o seculo do ouro Minas era uma ruina. O viajante que se aventurava por essas regiões devia levar provisões porque em parte alguma as poderia comprar: ao contrario, o proprio habitante da casa a cuja porta batesse, talvez lhe supplicasse, pelo amor de Deus, a esmola de um punhado de farinha.

Hoje, após o deslumbramento e o bulicio afanoso de tanta ambição e loucura—e como para attestar a perennidade do espirito creador libertado dos interesses e accidentes humanos — de todo esse passado apenas resta uma quasi ruina que é uma obra-de-arte, a obra do Aleijadinho, esculptor e architecto. Nasceu em Ouro-Preto em 1730; era pardo escuro, filho de um portuguez e de uma africana; sabia ler e escrever, mas parece não ter frequentado outra aula alem da de primeiras lettras. Padecia de uma terrivel molestia incuravel, em que perdeu todos os dedos dos pés, só andando de joelhos; das mãos apenas lhe restavam os pollegares e os indices. Atormentado por dôres cruciantes, narravam que elle proprio, servindo-se do formão, cortava com uma pancada de macete o membro que o fazia soffrer. Esse monstro physico, asqueroso, de face atormentada e disforme, de palpebras cahidas e bocca estuporada, escondia-se debaixo de uma tolda para trabalhar nas igrejas. Não lhe perturbava o genio inculto nenhum ensinamento de academias ou de mestres. A sua obra surgiu e viveu na espontaneidade da imaginação creadora, sem nenhuma deformação. Trabalhou nas capellas de S. Francisco de Assis, de Nossa Senhora do Carmo e nas das Almas, em Ouro Preto; nas matrizes de S. João do Morro Grande e de Sabará; nas de Marianna e Santa Luzia. Destacam-se na sua obra a matriz e capella de S. Francisco, em São João d'El-rei, e os templos e estatuas de Congonhas do Campo.

Foi o maior artista que durante seculos produzio o Brasil. E é o que resta do maravilhoso potosi das Minas Geraes que por tanto tempo assombraram o mundo.

janeiro de 1928.

PAULO PRADO

POEMAS BRASILEIROS

I

Para António de Alcântara Machado

A serra é toda um clarão dentro da noite.

Tranquilo,
no alto,
o bambual assiste aos destróços da queimada
crepitando perto.

E eis que uma labareda, ainda tremula e indecisa,
vem dansar em torno dele—e dansa
entre as taquaras sêcas que o circundam...

Outras mais vão se erguendo...

Ora avançam,
ora recúam,
—sarabanda
de salamandras rútilas e vivas,
dentro da noite enluarada,
em torno ao emaranhado da touceira.

Depois,
vertiginosamente,
é um fogaréo que sóbe,
e se avoluma,
e cresce,
e, numa furia, ganha
o circulo em cheio do bambual tranquilo.

(Amanhã, com certeza,
um poeta qualquer, um poeta simbolista,
irá dizer que aquela fumarada,
dentro da noite enluarada,
—sem ter visto, sequer, o espetáculo di-
nâmico do fogo
estralando os gomos verdes dos bambús
recurvos—
é simplesmente
a alma sofredora e ingenua das queimadas...)

HENRIQUE DE RESENDE

Cataguazes, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc.

Outrora não se comprehendia a vida em qualquer cidadezinha do interior, por mais novo que fosse, sem uma banda de musica e sem fogueteiro. Qualquer acontecimento no logar: a chegada do *seu* vigario, o anniversario do *coroné* Trindade, a festa do Divino, tudo era motivo para que o foguetorio espocasse nos ares e se ouvisse o tarata-tchim-, tara-ta-tchim-bum d'«Os Amantes da Lyra». Festa sem musica e sem foguetes, só no meio da semana santa, Hoje. ha uma cousa imprescindivel, que veio substituir o circo de cavallinhos. Este só apparecia de tempos em tempos. E, quando apparecia, era mathematica e astronomicamente certo: S. Pedro mandava chuva. Agora veio o cinema. O caboclo que estava acostumado a assistir, boquiaberto, ás scenas estapafurdias do «O bandido da Serra Morena,» já conhece o Rolleaux e o Tom Mix. E, alem disso, o predio onde funcciona o cinema, de vez em quando, serve para uma representação do grupo dramatico local. E' um «successo»...

Este progresso nas cidadezinhas, nos arraiaes, é reflexo do que se passa nas grandes cidades. Nestas, o *jazz-band* e o automovel são as instituições novas. Muito breve, encontraremos nas villazinhas a victoria do *jazz* O Ford já vem chegando, aos poucos.

***

Em Cataguazes, hoje centro adiantado, não mais soffremos o pipocar dos foguetes, nem o pam-pam-pam-pum, das bandas de musica.

Tudo passou, e ha muito tempo. Ficounos o cinema. Mas um cinema de verdade, onde se exhibem os melhores trabalhos da industria americana. Ali, espairecendo o cerebro, a gente encontra lenitivo para muita magoa.

Emquanto na tela os factos se desenrolam, inverosimeis ou não, cada um de nós fica pensando que o mundo tambem não passa de uma tela, onde cada qual, como boneco, representa uma farça, e prompto.

Digam os moralistas o que quizerem. Que o cinema não presta; que o cinema corrompe; que o cinema traz a sedução do luxo; que o cinema ensina o mal junto com o bem. O cinema é como o mundo: tem de tudo um pouquinho. Cada um que tire o bom pedaço.

Depois, a fita sempre tem um castigo para os máos. E faz uma grande defesa da familia. Haja vista que todo enredo termina com o casamento, como si nisto estivesse a maior felicidade que o homem pode conquistar neste mundo terraqueo...

Pois bem. Porque o cinema é um indice de civilização, applaudimos muito gostosamente os nossos conterraneos, que se empenham na vantagem de uma grande fabrica cinematographica em nossa terra.

Entre parenthesis: Não estou fazendo propaganda da Phebo. Nem ella precisa disso. Sou muito camarada do Humberto, mais isso não vem ao caso.

Continuemos. Não esmoreçam os actuaes organizadores da promissora fabrica. Terão que luctar muito contra a rotina, contra a má vontade. Mas não se importem com isso. Mãos à obra. E' preciso explorar motivos outros, que o genio latino possue, sem cahir no logar commum das scenas indecentes, que nos chegam do país de Tio Sam.

A lei de menores poderá ficar, até, inaplicavel. E' só produzir com o que é nosso, sem ir buscar na irresistivel attracção da malicia o enredo das scenas.

Mais tarde, quando Cataguazes se transformar em uma Holywood-mirim, as recompensas virão. E podem ficar certos que irão obter muito mais do que—triumphos, glorias, honrarias, titulos, elogios, etc., etc. Alem destas cousas vasias, que não enchem a barriga da gente, virão as moedas, os cruzeiros, as pelegas.

E, destas, que boladas...

J. MARTINS

IMPORTANTE

VERDE é a revista mais livre de preconceitos, do mundo. VERDE nada tem que vêr com as ideias de seus colaboradores, esteriorizados em artigos devidamente assinados. VERDE é uma alegre revista, divulgadora de valores novos. Está bem satisfeita com isso. E mais não deseja não, podem crêr.

O QUE SOU

para MARIA CLEMENCIA

Sou bohemio,
Sou vagabundo,
Sonhador e apaixonado
eu sou.

Sou quasi um louco.
Tudo por causa do meu amor...

(Assim dizem aquelles que não sabem
que, por causa do meu amor,
eu sou
—simplesmente feliz).

Janeiro 1928.

MARTINS MENDES.

Duas amostras do "Meia-Pataca", a sair

Tio Santâna

a ROSARIO FUSCO

No fim do espigão abanquei-me cansado.
A roça mofina
com mêdo do sol
estava amaréla da gente ter dó.

Ouvi vozerío pros lados da gróta
«Anda nêgo! pra riba.
Diabo! você não comeu?
Olha o máto ficando pra traz!
Anda nêgo! que falta de força»

Tio Santâna falava sosinho no eito.
Se assustando ao me vêr derepente
esplicou na linguagem cabinda
que a perna vergava
o braço pedia descanço...
então tio velho espantava a fraqueza
lembrando direito
a fála do antigo feitor.

GUILHERMINO CESAR.

UIÁRA

Si você visse os olhos de'la
Tão bonitos brilhando
Você tinha coragem
Fernão Dias Paes Leme
De manda-los ezaminar
Pelo ourives d'El-Rey D. Afonso,
Tinha Fernão Dias?
Tinha não...

FRANCISCO I. PEIXOTO

MOVIMENTO

Recebemos uma coleçãozinha de Proa (direção de Jorge Luis Borges, Pablo Rojas Paz, Brandán Carrafa e Ricardo Güiraldes).

Proa é uma magnifica publicação modernista argentina que, infelizmente—a ezemplo de nossas revistas de arte nóva, não logrou alcançar o seu terceiro âno de ezistencia. Comtudo foi brilhantissima. Como prova aí estão seus 24 volumes—primorosamente impressos—e recheiados de coisas magnificas que muito contribuirão, decerto, pra um estudinho mais ou menos completo e perfeito sobre a interessante literatura do paiz visinho.

Na primeira oportunidade falaremos sobre os valiosos ezemplares recebidos, carinhosa homenagem de Norah Borges—á gente de «verde.»

***

Próximo número: um desenho de Norah Borges—feito especialmente pra nossa revista, poemas de Jayme Griz, Willy Levin, Ascenso Ferreira e Sebastião Lopes.

***

Por causa da grande préssa que nós tinhamos de botar prá fóra VERDE n. 5, que por sinal já anda vermelhinha de vergonha, nos esquecemos de incluir os nomes de Willy Levin e J. Martins na capa da revista e do suplemento, respectivamente.

—*S. Paulo na Federação*, de Sousa Lôbo. Na revisão deste artigo escaparam-nos os seguintes erros:

...*«vulto de reservas dynamicas de naturezas possuidas»*—em vez de *«fornecida»*.

...*«Não me consta que França entenda Gallia»*—em vez de *«Italia»*.

...*«em mãos de povos que delles não carecem nem os utilizam para o bem commum»*—em vez de *«não carecem nem assiste ligam»* etc.

***

Ildefonso Pereda Valdés, o poeta de «La Guitarra de los negros», disse em Montevidéo duas conferencias: uma na Universidade (em homenagem á Embaixada dos estudantes brasileiros que estava lá), outra no «Curso Vigil».

Estudando os nossos poetas, desde o Brasil colonia até agora, Ildefonso incluiu entre êles o nome dos rapazes que fizeram «Poemas cronologicos».

Bailado Russo

Para ROSARIO FUSCO

Núa,
deserta,
indefinida,
silenciosamente,
se estende, alonga-se a estépe...

E' noite de luar
e de inverno bravio, branco e bronco,
agasalhando o somno e os amores das féras.
A neve, crescendo, crescendo,
como treva branca,
vae, fria e fantasmal,
apagando a paisagem tristonha
e nivelando tudo,
de modo que só ha lua e gelo, neve e céo...
Mas, de subito,
um rítmo bárbaro
salta, galopa, ziguezagueia,
desloca o ar, tudo anima e estremece,
numa lufada de asas e de sons!

SAÚL DE NAVARRO

COMIDA

Ha gente que trabalha para comer
Ha gente que se levanta cedo para ir trabalhar
Ha gente que come nas pensões tristes
Ha gente que come sosinha nas mesas dos [hoteis
até no dia de anno bom
Ha gente que as vezes não come.

COMER COMIDA PÃO ALIMENTO

Ha gente que toma media na hora do almoço
Elle tomava leite porque tinha os cobres [curtos.
E tinha rugas na testa.

Minha avó me disse que era máo coração
botar bolachas caras fóra, porque tinha muitos
meninos com vontade de comer e eram po- [bres.
Mas eu tinha bons sentimentos e então fiquei
chorando.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

(do livro «Poemas ao portador» a saír)

Passa Quatro

de RICARDO MARTINS

Eu sempre ouvia falar deste moço de Passa Quatro com muita simpatia, carinhosamente.

Porquê Ricardo Martins já possúia minha admiração de ha muito tempo. Desde quêu li—si não me engano—alguns poeminhos seus transcritos numa crônica bonita de Heitor Alves. Portanto não foi mais pra mim uma surpresa a sua poesia que é que nem uma anunciação...

(«Sabbado,
no caixote de lixo á porta da rua,
cascas de fructas, flores apodrecidas,
sujeira amontoada,
moscas voejando gulosas
e um retalho de carta bem visivel:
mil beijinhos de tua
Adelaide.
—INTIMIDADE»)

Aliás toda a rapaziada nova de Itanhandú, tendo a frente o entusiasmo contagioso de Heitor Alves, já não era pra nós sómente uma promessa não—depois do vitorioso aparecimento de ELETRICA—porém sim uma realidade moça na qual a gente poderia bótar—sem susto nenhum—a maior das confianças.

«(Dizem que foram os bandeirantes
que a descobriram.
Verdade ou não,
bandeirantes ou outra pessoa qualquer,
quem a descobriu
teve bom gosto.
O DESCOBRIMENTO»)

Ricardo Martins me deu a ideia de ser um rapazinho muito simples, magrinho—de óculos—macambuzio dentro do seu terno prêto e do seu geito moleque de gôsador calado, não sei... Só sei que êle é o milhor poeta de minas gerais. E que sou seu admirador e sou seu amigo.

R. F.

LIVROS RECEBIDOS:

Bruno de Martino:
Brazas ed. do autor—1926.
Pedaços de Jornal—Paulo Pongetti & Cia. Rio 1928.
Ruy Cirne Lima:
Colonia Z e outros poemas. Liv. do Globo. Porto Alegre—1928.
Eletrica direção de Heitor Alves (n. 2 segunda serie).
A Epoca (dos rapazes da Faculdade de Direito—Rio—maio 1928).

Noticia sobre os "estudos"

de TRISTÃO DE ATHAYDE

Depois da barulhada, desse grande reboliço, que foi até ha pouco o movimento modernista no Brasil, estamos passando agora por uma fase de decantação. Vão-se assentando pouco a pouco os valores que rodopiavam nos circulos da peleja, e procurando adquirir, no seu começo de equilibrio, esse traço de serenidade tão caracteristico daqueles que já encontraram a sua directriz. Até ha pouco ao movimento literario moderno do Brasil muito bem se enquadrava aquela conhecida frase com que um critico mordaz definiu o nosso Paiz: «o Brasil é uma nação onde todo mundo manda, ninguem obedece e vae tudo muito bem».

Essa desordem, essa falta de orientação, contudo, já vae desaparecendo. Era a luta sem meditação. Agora que está se dando justamente o inverso, vamos entrando numa época verdadeiramente frutuosa de realisações. Obras de vulto vem aparecendo, não só na poesia, como no romance e na critica, em que o Brasil novo já se entremostra bem diverso do Brasil de antes da guerra.

E um dos grandes selecionadores, um dos que vêm assistindo a essa lenta mais benefica decantação dos nossos valores, com a argucia do verdadeiro critico e os cuidados do verdadeiro patriota, é inquestionavelmente o sr. Tristão de Athayde.

Colecionando em volume alguns dos seus estudos publicados no *O Jornal* o sr. Tristão de Athayde vem de trazer sobretudo á literatura moderna do Brasil um livro, de clara orientação que, não só demonstra a solida cultura de um estudioso, mas tambem a ampla visão critica de um moço, que se guindou, de um momento para outro, ao primado da critica nacional.

Comenta o sr. Tristão de Athayde que o grande mal que foi a guerra nos trouxe esse grande bem—que é o espanejamento da inercia, do anacrônismo, da mediocridade em que já se iam afundando os nossos melhores espiritos. Aliás, todas as grandes reformas mundiaes—intelectuaes ou não—têm sido oriundas das grandes guerras. A catástrofe de 1914 golpeou o mundo civilisado nas suas raizes mais profundas, sacudiu violentamente nos seus galhos e nos seus troncos carunchosos a velha arvore gasta da civilisação européa—e d'aí os novos frutos de que nos fala o sr. Tristão de Athayde. Chamando o homem á realidade, a guerra deu cabo dos canones, das convenções, dos formalismos, diz o autor. E acrescenta que muito se tem escrito nestes oito anos para cá. Preferimos dizer nestes cinco ou seis anos. Pois que houve naturalmente um periodo de incubação desse germe transformador da nossa psiché. Só em 1921 foi que se iniciou de facto, entre nós, o traçado da curva representativa do movimento moderno brasileiro.

E é discorrendo sobre as resultantes da guerra em face do novo periodo das letras nacionaes que o sr. Tristão de Athayde abre a primeira série dos seus *Estudos* com as magnificas paginas das *Tendencias*—o dinamismo do Sr. Graça e o primitivismo do famoso grupo de S. Paulo.

E o critico, sob esses aspectos, vae comentando, com penetrante agudeza, as obras mais interessantes dos ultimos tempos. Mas o sr. Tristão de Athayde não se limita ao estudo das tendencias modernas da inteligencia brasileira. Critico, na mais clara acepção da palavra, o autor dos *Estudos*, com a mesma facilidade com que trata a inactualidade dos romances da sra. Albertina Bertha, com todos os seus danunzianismos, artificialismos e gongorismos, comenta, com erudição e gravidade, os quarenta volumes de Hilaire Belloc.

Passa da literatura infantil para as mais sêcas e sensaboronas questões sociaes, religiosas ou politicas.

E finalmente escreve dois magnificos estudos sobre Tobias Barreto e a estética de Farias Brito, tudo isso naquela linguagem esplendida que só êle possue.

«Estudo» é um livro que envaidece a gente como brasileiro consciente do papel do Brasil moderno, dentro do mundo.

H. de R.

Este verso vai molhado

a ASCANIO LOPES

Aquella nuvem grandona lá é um pedaço do céu
que caíu na montanha. É.

O vento sópra brábo no môrro
e os gados, com mêdo, correm berrando.
Todo mundo ja fechou as janelas
—depréssa
porquê vento de Deus não é brinquêdo.

Lá em cima avuando—a nuvem grandona num átimo
vira *chóve-chúva chóverá pra quando papai chegá...*

Frescura...

Da varandinha da casa a gente gósa tudo, na fôlga.
Agóra abrí a bôca
—suspirei fundo...
O côrpo meu pesando
—homem que gósta suspira asim...
Essa gôteira pingando
—sôdades de você...
Êta frio!

1928 ROSARIO FUSCO

LEÃO DE VASCONCELOS—Parmi le soir indéfini, poémes.
Traduction et préface de Charles Lucifer. Chez Elbehnon et Sœurs. Paris. MCMXXVII.

Por causa dessa tradução pro francês de alguns versos do livro de Leão de Vasconcellos apareceram algumas dúvidas. Uns dizem que o tradutôr é o proprio autôr dos POEMAS PARA ESQUECER... Já Tristão de Athayde numa de suas crônicas publicadas no O JORNAL, afirma que Charles Lucifer nada mais é que o pseudônimo de um outro poeta nosso: Tavares Bastos. Sobre êsse assunto me escreveu ha tempos um amigo, desmentindo taes asserções e provando-me com muita convicção que Charles Lucifer é mesmo pessôa real distinta verdadeira. Com quem a razão?
Embora Tristão de Athayde tenha visto influência pronunciada (efeito da tradução?) do autôr de CHARIOT D'OR e de mais dois poetas, nos versos de Leão de Vanconcellos sente-se perfeitamente que PARMI LE SOIR INDEFINI tem todo êle um sabôr especial, que é por assim dizer o *trade marck*: o *fœtor brasilicus*.

«Monotone
la brume descend le long du ciel d'automne.
Un étrange souvenirému
qui s'est épandu dans l'ambiant
vient ajouter encore plus á la tristesse de [vivre
et à mon dégoût de convalescent.
(Pourquoi m'a-t-il Dieu fait un poèta malade?)»

Poesia assim toda leve, cheia de uma sensibilidade muitas vezes doentía e que porisso mesmo quando péga a gente de geito faz tanto bem...
Como ficaram bem no francês os titulos dos poeminhas!
Rêve final Porquoi?. Desespoir. A la louange de tes mains brumales.. Nos dão até a impressão de que são nomes de valsas zingaras, molengas feitas pra se adormecer...

«Las de silence et de tristesse
je me rapelle ta voix et ta caresse
à l'exaltation enfiévrée de mes sens.
Et je subis en peine ce long désespoir
de ne pas pouvoir reprendre dans ton souvenir
tous ces mots de tendresse, de foi et de [croyance,
—ces mots d'amour que je t'ai dits jour.»

Essa tradução tão bonita que Charles Lucifer fez dos POEMAS PARA ESQUECER ficou sendo um livro—e um livro bom pra se ler baixinho *quand «la nuit baisse la paupiére lentement» et l'on «ferme les yeux pour ne pas pleurer*.

PEIXOTO.

GENTE:

porquê VERDE já passou pelo susto de morrer, e nós porisso quasi que morremos de susto, resolvemos que, deste numero em diante, a nossa revistinha ficasse menor, mais barata prá gente e pra vocês tambem.
Aproveitando a ocasião, lembramos a vocês que VERDE precisa de assinantes. Sem isso éla morrerá NECESSARIAMENTE!
VERDE quer tambem correspondentes representantes em todas as cidades do Brasil. Sem isso éla morrerá NECESSARIAMENTE!
VERDE precisa tambem da camaradagem de toda a gente moça. Sem isso éla morrerá NECESSARIAMENTE!
VERDE quer, quando nada, ser uma revista de divulgação.

***

VERDE custará daqui por diante:
Numero avulso—500 reis
Numero atrazado—800 reis
Assignatura anual 6000 reis

***

Seja, desde já, um assinante de VERDE: (Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, prá nossa direção).

Segunda conversa

Você está muito enganado

E' verdade que eu vou ás vezes ao cabaret
que bebo bem e como melhor
que gosto de jogar
que a volupia quente de certa bocca
me traz prazer e alegria...

E' verdade que eu dou demasiada importancia
a essa vida material
que você condemna

Tenho automovel
Vou ao cinema
Leio livros immoraes

Tenho gana de infringir todos os manda-
mentos...
Mas no fundo meu Deus
eu sou familia.

SERGIO MILLIET

Poema Primitivo

De vez em quando eu sinto
cousas inexplicaveis.

Esqueço a côr dos teus cabellos...

Não me lembro da tua voz...

Procuro tolamente a razão
porque os teus cabellos
são cortados
ou a tua bocca é quente...

De vez em quando eu fico
perguntado a mim mesmo:

«—Porque tu te chamas Maria?...»

MARQUES REBELLO

SERENIDADE

de ACHILLES VIVACQUA

Os versos são do principio da vida literaria do poeta e quasi que a gente já conhecia todos.

Um punhado de criticos (?) escreveram sobre uma tal de *influencias flagrantes* de que se resente encharcado (dizem êles) o livrinho *Serenidade*. Graças a Deus não entendo critica, nem criticos—e não dou valor nenhum mesmo pra alguns dêles. Porisso é quêu acho que falar em influencias é bobagem. Esplicar porquê seria cansar.

Achilles Vivacqua (Roberto Theodoro) é o mesmissimo que escreveu aqueles bonitissimos versos do *Samba* que esta revistinha de vocês publicou no seu numero de estréa. Pra mim este poeminho só marcou bem Achilles Vivacqua enchendo a gente de confiança bastante prás suas coisas futuras.

Por emquanto já se pode falar que *Serenidade* é um livro de POETA. Mais, acho que o Achilles não deseja não.

Martim Cererê

de CASSIANO RICARDO

O mesmo Cassiano Ricardo de dantes, do tempo do *vamos caçar papagaios* Simpatico como quê. O homem ao que parece não demudou não porêm não piorou nada graças a Deus—e a gente continúa gôstando bem dêle.

Martim Cererê (o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heroes): titulo pamparra, enquisilativo. Francamente isso fala muito grôsso e você acaba assuntando mesmo antes de abrir o livrão dessa idade cheinho de bonitos desenhos verdes de Di Cavalcanti...

Muita coisa bôa. Muita coisa que poderia ser ótima. Muita coisa regular e muita coisa ruízinha até.

Das coisas bôas pra mostrar que guardei, destaco: *a minha chicara de café* (já minha conhecida do *vamos caçar*), *os tres brinquedos com a lua, a uiára de cabêlos vermelhos, piraquára, o manduca e a giuseppina* (dum sabôr de terra braba muito nosso) *e o matuto*, que transcrevo pra vocês:

«Disseram pra ele
que beijo de mulher era fruto escondido
Êle andou muito tempo pensando
que beijo de mulherfaz ia mal...
não fez não.
Lhe disseram tambem que quando a gente
morde a uivaia é doce mas depois é amarga,
não é não.

Lhe disseram tambem que todo amor é temperado com veneno e mel pra refrescar o coração mas que depois...
diz—que perde a razão.
Não perde não».

Acho isto simplesmente gôstoso. Aliás todo o livro é mais ou menos assim impregnado dum sentimento de brasilidade muito profundo.

Martim Cererê é uma festa de poesia brasileira dentro do Brasil dos meninos, dos poetas e dos heroes.

R. F.

O GRUPO DE "VERDE" E OS OUTROS

De Alvaro Moreyra:

«Rosario Fusco, Henrique de Resende, Ascânio Lopes. Tenho aqui os três poetas de Cataguazes num livro só: *Poemas Chronologicos*. Chronologicos é horrivel. Os poemas são lindos. Os três amigos vivem dentro da mesma paysagem. Não é por escola que escrevem parecido. Quasi meninos, perderam a fé no soneto. Descobriram que não precisava rimar e medir syllabas. Ficaram poetas simplesmente. E simplesmente contam realidades ou lembranças, cada qual com a sua musica, com as palavras que pertencem a todos e que vêm delles como os passaros das arvores quando o sól acorda...

A differença entre a poesia de hoje e a de antes-de-hontem, eu vêjo, todas as noites, em Copacabana. Uma é a Avenida Atlantica, aclarada pelos fócos eletricos, postos em distancias eguaes desde o Leme até á Igrejinha. A outra é o céo de Nosso Senhor, esparramado de estrellas e a lua cae-não-cea por sobre o mar.

Estas coisas não são faceis de explicar. Porque ha pessoas que acham sublime a illunação da Avenida Atlantica e nunca olharam para o céo.

O mal do movimento chamado modernista foi o desafôro do começo. Numa terra que usa tanto de revoluções, ninguem sabe para que, um motim intelligente, de fins esclarecidos, provocou repulsa...

Graça Aranha quasi que destruiu a Academia. Protestos quasi geraes. O general Isidoro quasi destruiu S. Paulo. Applausos quasi geraes. Negam Oswaldo de Andrade que botou lança-perfume nos olhos de varios inimigos. Affirmam tenentes que deram tiros contra muitos cidadâos inoffensivos. Luis Carlos Prestes atravessou o Brasil. Mario de Andrade tambem. Entretanto, Luis Carlos Prestes tem maior prestigio nacional do que Mario de Andrade.

O livro e a espada...

Anedocta... A espada aqui está por cima. Mas o livro corta muito mais. Vocês vão vêr...»

(*Aquario*—Para todos de 14—4—928.)

De Mario de Andrade.

«Os rapazes da "Verde" tiveram o bom gosto de se fazerem em livro.

Hoje quem quizer póde atacal-os, elogial-os, etc., e citar por onde.

Essa historia da gente ficar poeta bom nas revistas é tão vago, tão diluido, tão sem corpo!... E um beneficio enorme de exemplo já veio dos «Poemas Chronologicos» pois outros poetas mineiros do grupo de Bello Horizonte já estão annunciando uma Antologia tambem.

Uma coisa em que não sei se já puzeram reparo... Hoje eu cito um livro do Paraná, outro de Minas, outro do Rio Grande do Norte. D'uns tempos pra cá o despretigio literario do Rio de Janeiro está se tornando muito grande. Já o modernismo nasceu em São Paulo, agora os livros apparecem por ahi tudo sem baptismo da Côrte... Não me parêce que o simptoma seja bom não. sob o ponto de vista da nossa unidade politica porem como essa unidade pouco me incomoda nas minhas idéas e sentimentos humanos, essa decentralisação me dá o gosto alegre d'uma batalha de flores: recebo manacás, flores de ipé, de mumurê, de maracujá, de todos os lados. E isso é bom que dóe.

E' extraordinario como o livro define uma pessôa. Embora a maioria das peças de «Poemas Chronologicos» já fosse conhecida minha, assim unidas essas poesias me deram uma impressão de fôrça actual maior das que eu pensava. Sei bem que sobretudo Rosario Fusco e Ascanio Lopes são ainda esperanças, porem é incontestavel que já sahiram da sombra materna do viveiro, já espigaram pra cima da cóva e já sustentam nas folhas o bafejo bravo do sól. Isso não parecia quando a gente topava com elles virando a esquina das revistas. Essa apresentação de força actual seria me parece a melhor grandeza dos «Poemas Chronologicos».

Dos tres poetas do livro, o mais completo, o mais *poeta* é incontestavelmente Henrique de Resende. Tambem esse, embora novo, já tem passado. Os outros dois ainda são mais liricos que poetas, quero dizer, ainda não estão igualados, não. E a impulsão lirica vale mais que a factura.

Henrique de Resende ex-parnasiano, já tem mais arte. E tambem mais artificio. Quando se não quando lhe escapam da au-

tocritica certos processos faceis de sonoridade e de expressão:

"no seio *bruto* da pedreira *bruta*"
ou
"se despenha no desespeiro do despenhadeiro"

Tambem pela seriação dos poetas a gente percebe que a poesia delle sae um bocado encommendada. Assim como quem diz: Acho que devo fazer uns poemas sobre os simptomas do progresso de Minas.

Então escreve sobre as Estradas de Rodagem, as Minas, as Lavouras, as Cidades. Isso me enquizila como um despeito. Desejei damnadamente fazer uma «Meditação no Amazonas» pra contrabalançar com o Nocturno e o Carnaval no «Clan». Não houve meios de saír. Parecia... Mas empregando os processos de Henrique de Resende, palavra que saía.

Só que Henrique de Resende não só pratica bem os processos delle como vae além delles. No "Solar que foi dos meus avós" principalmente, a nobreza ondulante dos versos, uma simplicidade objectiva muito discreta e até energica ("a lembrança angustiosa das atrocidades dos meus avós") na discripção na evocação dá por vezes uma força impressionante pra os versos. Reunindo todas as qualidades em "Senzala", Henrique de Resende apresenta o melhor poema do livro.

Quanto a Ascanio Lopes e Rosario Fusco, estão seus vinte annos na experiencia. A experiencia delles é a infancia de que os desintocou a inquietação do lirismo. Vivem machinando com a infancia e com o passado. Aliás carece dizer de passagem por emquanto que esses poetas mineiros em geral estão adquirindo um cacoete que por ser cacoete fatiga bem: a evocação da infancia. Um saudosismo desses é perigoso, gente. A banalidade infantil é muito importante pra o individuo já feito não tem duvida. Nós todos teremos que *soffrer* nossas infancias por toda a vida. Só que essa formalidade, que cada um soffre por si, difficilmente comove os outros em arte quando é assim discripta objectivamente. Ou a gente inventa lorotas tragicas que nem as de Copperfield ou por sistema de claro-escuro disfarça a banalidade do real e deforma que nem no Aténeu, no João Miramar ou no Dedalus. Em todo caso o Poema de Minha Tristeza de Rosario Fusco tem notações que por serem verdadeiras me commovem muito.

"Nunca mais vi vovô lendo jornaes na varan-[da...
Só elle, coitado, trabalhava..."

E tambem o «Ambiente de Infancia» de Ascanio Lopes é um banal burguez quasi subtil e bem apanhado na notação final:

"Mamãe quasi deixou que eu brincasse de navio,
Mas a titia velha e rabujenta
Disse que eu não estava chorando
E que a vidraça estava pingada d'agua da chuva"

Os tres poetas manifestam as tendencias tão variadas com que está se inriquecendo a literatura moderna do Brasil. Não tem nenhum que manifeste porêm imitação servil, graças a Deus. Seguem preferencias, provam que possuem poetas de cabeceira. Coisas que não ha razão que me faça considerar defeito embora eu considere que de cabeceira só possam se legitimar Hermes Fontes, Ruy Barbosa e o «Secretario dos Amantes

Henrique de Resende mais tradicional, Ascanio Lopes, mais familiar, Rosario Fusco, mais desabusado, inquieto, botando o pé na fogueira pra poder affirmar depois que fogo queima de verdade. Nessa mão de tres dedos dos «Poemas Chronologicos», Henrique de Resende é o pai-de-todos, Ascanio Lopes é o mata-piolhos, Rosario Fusco é o fura-bolos. Os tres: gente que subirão muito si quando a força do homem chegar, não barganharem o lirismo disponivel da flor pelos caraminguás da vida curta nossa".

("Diario Nacional"—S. Paulo—15-4-928).

* * *

De Tasso da Silveira.

«Tres poetas unidos num mesmo abraço fraterno. Cada um differente dos outros, não obstante. Valores desiguaes (aliás tão difficil, por emquanto, apreciar o que propriamente se chama "valor" em poetas modernistas, tanto mais aos que ainda estão encordoando a lyra nova...)

Poemas cronologicos, não sei bem porque. Alguns são poemas da «realidade presente», e são os que mais me satisfazem: a capacidade de sentir a "realidade presente" marca o poeta. Outros são cantigas de saudade. E de saudade saudosista: não me agradam.

Henrique de Resende é o que vem com mais virilidade espiritual. Tem visões fortes e traços de buril. E a complexidade tão caracteristica do poeta de hoje, que não é mais só instincto, mas tambem intelligencia. Gosto do reflexo metalico das suas gravuras em

cobre : "as estradas de rodagem" as "lavouras" as "minas"...

Rosario Fusco é mais lyrico. Não são as linhas firmes, os volumes, as expressões de energia que o impressionam no ambiente em torno. São os silencios e os perfumes evocativos, as sombras, as côres perdidas na distancia. O seu poema da "rua do porão" já representa uma victoria.

Ascanio Lopes é mais um penumbrista que um modernista. Dá-me a impressão de ser o mais moço dos tres, e o menos experiente. Effeito da collocação no volume ?

Sertão Mineiro e Cataguazes comtudo, são mais do que simples indicios. Reli-os com prazer."

(Festa nº 8-15 de Março de 1928-Rio)

***

De António de Alcântara Machado :

É a gente simpatica da verde de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxado para tres lados.

Henrique de Resende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviario vai anotando nas margens do caderno de medições e calculos os aspetos dos caminhos que êle abre

como um cordame de veias
no corpo adusto
da terra inhospita

Não sei si como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construidos sobre leito bem empedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-critica severa.

E esses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. A "ermida" por exemplo : tão comovente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo : mistura timidez com audacia, brutalidade com ternura, larga o estilingue para choramingar no colo de um afecto bom. Tem talento. Quanto a isso não póde haver duvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de por a maior das confianças. Eu gosto muito deste poeminha SALA DE GENTE POBRE do qual tomo a liberdade de suprimir o ultimo verso :

Um banco
Uma mesa
Um quadro: Nossa Senhora ..
Outro quadro: São José...
Um lampeão.
Nem ambição de mais coisas

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezesete anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crónicos se não forem curados logo: linguagem meio cá meio lá, quedazinha para o logar comum, imagem de efeito, final arrandinho. E outros mais. Porem eu já disse e repito : que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo muitissima confiança.

Ascanio Lopes tambem é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dele é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem.

Daí apesar dele ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dêle.

A MATA É GRANDE DEMAIS PARA O FOGO QUEIMAR caracteriza bem a sua maneira bôa:

Na modorra enorme do sertão
os empregados trabalhavam no eito da roça
cantando cantigas ingenuas
Mas do lado da serra lá longe, começou a subir a [fumaça
e as chamas tamparam as arvores da mata.
O feitor disse que era uma queimada que saltara o aceiro.
Ninguem pensou em apagar o fogo
No ceu os gaviões gritavam assustados.

Ascanio Lopes não deve abandonar o seu feitio de gosador a sêco.

O pessoal de «verde» é portanto uma surpresa excelente, e cuja excelencia de hoje em diante não mais surpreenderá ninguem.»

(*Revista de Antropofagia* —maio de 1928—S. Paulo).

---

luciona o X: sangue novo, moral nova, vida em rumo novo.
Graça Aranha objectar-nos-ia: «o futuro não entenderá o passado». E eu lhe retrucarei: pois que não entenda,—entendamos-nos o presente, entendam os vindouros seu presente. Não me consta que França entenda Italia nem Italia commungue com etruscos ou ligurios. Brasil não compreende Confederação Tymbirica. Nação é lingua, arte, civilisação, riqueza, força. Nada tem com povo e raça.

O destino geographico do Brasil, maximo no globo, será cumprido por gente forte de mãos ferreas e almas graniticas. Boas armas só valem á braços robustos, almas intrepidas.

Soffremos pouco e não compreendemos a vida. Não chegamos ainda ao nivel do dia. O banho lustral sangue faltou no berço. A guerra, renovação de valores, da ordem archaica das coisas, nos esqueceu.

No quinhão da lucta vital não nos couberam duros combates nem duras victorias, apanagio dos fortes. No repouso destemperare a alma bellica dos luctadores. Para sermos grandes precisamos muito luctar, sermos hercules, athletisar-nos. Ou então: rua.

O Salisbury, aquelle velhaco lorde inglez foi camarada e prevenio: «tempo virá que as nações cultas da terra não poderão permittir que vastas zonas do globo permaneçam inaproveitadas em mãos de povos que dellas não careceu nem assiste ligam para o bem commum».

Ouçamos pois Souza Lobo o propheta dynamico da nossa verde nacionalidade.

UBYRATAN VALMONT.

MOVIMENTO

Do proximo numero em diante «Verde» jogará suas paginas quadradas pra riba do Brasil inteirinho vestidas noutro formato, melhormente impressa, melhormente colaborada e com menos anuncios que tanto enfeiam as edições anteriores.

* * *

A sensivel demora do aparecimento do presente numero foi devida especialmente a uma completa transformaçao nas oficinas em que verde é impressa.

* * *

Deverá se inaugurar por todo mês de junho, em Montevideo, uma elegante esposição de *grabados e debujos* de Maria Clemencia, Norah Borges, (irman do festejado poeta e escritor argentino Jorge Luiz Borges) e Xul Solar, patrocinada pelo poeta e critico de arte uruguayo—Ildefonso Pereda Valdez, amigo de Verde e amigo do Brasil.

E' uma noticia lindamente bonita esta, prova do entusiasmo moço que anima os fogosos jovens vanguardistas do paiz irmão.

* * *

Gimenéz Caballero e Guillermo de Torre, respectivamente director e secretario de «La Gaceta Literaria» que se publica em Madrid, promoveram em setembro deste ano, a primeira festa do livro em Espanha.

Durante mais de um mês estiveram á venda autografos de escritores vários, espanhoes e americanos.

Recebemos: *O cenaculo*, *Revista da Cidade* de Recife, Pernambuco. *Essa negra fulô* (poema) de Jorge de Lima—Maceió—Alagôas, *Kismet* (poemas) de Zolachio Diniz—Rio, *La gaceta literaria*—Madrid (oferta de Maria Clemencia), *O espirito libero americano* de Saúl de Navarro—Rio, *Festa* (mensario de arte e pensamento) numeros 7 e 8—Rio.

* * *

Os rapazes de Belorizonte estão anunciando pra breve a Antologia de 4 (poesia).

INFANCIA

Tu eras naquele tempo dos meus dez anos
A malicia perturbadôra
Da minha ingénuidade supersticiosa.

Hoje lêmbro sorrindo
O beijo que arrancáste á força dos meus lábios inesperientes.

Surgiste na minha vida de menino amedrôntado e timido
como a tentação pecaminosa
Que rouba as almas pro inferno

Recife—Pernambuco.

WILLY LEVIN

MESTRE TASSO, OTIMISTA IMPENITENTE

MESTRE:

Me dirigindo a você neste momento, não o faço em nome dos meus 4528 colégas que foram alvos das suas inominaveis sandices. Falo, tão somente, por minha conta e risco. Faz-se mistér que eu acentue primeiramente: não quero me arvorar em professor. Não. Absolutamente não. Desejo, sim, incutir nas subterraneas galerias do seu espirito de critico joven uma ideia, sumamente perfunctoria, acerca da enxurrada de bestices empoladinhas que você, talvez sob a ação de influxos deleterios, condensou nas colunas do seu artigo, publicado no 4º numero de FESTA. Não se póde negar que, si você escreveu esse artigo foi para se colocar em evidencia, chamando sobre si a atenção dos outros, e para passar tambem um baratissimo elogio na gente da sua turma, na sua *panelinha literaria*.

Si você possuisse profunda e virginal sensibilidade, si fosse possivel a você se habituar a distinguir melhor os valores e a meditar um pouquinho, deixando tambem de ser tão tolamente convencido, eu seria capaz de acreditar que cumprindo o seu destino de critico joven, você pudesse orientar o publico ignaro e dar-lhe uma verdadeira noção de arte, para que dest'arte chegasse ele a compreender e a apreciar algum dia alguns dos genuinos cantores da realidade brasileira. Creio que a maioria (a composta dos artistas-Artistas) dispensaria de bom grado os taes revigorantes contactos com a alma popular, de que fala você. Com todo o seu pedantismo bocó, você tem coragem de deixar que o seu ilustre nome figure na lista dos colaboradores de ELECTRICA (orgam de propaganda das lampadas Osram-Mazda) revista que tem como directôr o pomposo poeta Heitor Alves, autor da VIDA EM MOVIMENTO, livro que é uma maravilha de teteiazinhas. ELECTRICA é uma revista batuta que publica coisas assim:

MICROSCOMO

Achilles Alves define nestas estrophes singelas e suaves, de um tom lyrico, como compreende a vida. (N. da R.)

O nosso mundo se resume
numa esperança unicamente
feita de sonho e de perfume.

O nosso mundo! Quanta gente
o julga espira de fumaça,
que se evapora de repente...

Mas que illusão! O tempo passa
e o nosso mundo pequenino
gyra, impellido pela graça
do Deus Cupido-o Deus Menino.

Nota importante: o autor deste negocio é irmão do diretôr Alves.

Mas deixemos isso de parte.

Em vez de ezaminar, tim-tim por tim-tim, todas as bestidadezinhas que saíram da sua penna, prefiro mostrar a você que eu tambem possúo notaveis qualidades *antologisticas*. Fazendo assim pouparei mais tempo e não me cançarei muito. Não sei si você atingirá o alcance desse minha atitude. Garanto, porêm, que éla é eminentemente pratica.

Antes que me esqueça, quero fazer uma pergunta: é por medo ou por que é que você se mantem numa situação tão duvidosa em face do Mario?

Me lembro disto porque você, na pagina 7 de FESTA numero 2, diz que êle não passa de um méro pastichador de coisas européias e passadas e de um suposto renovador da nossa literatura. Entretanto, no numero 4 de sua revista, você o intitula verdadeiro renovador de nossa arte, referindo-se ainda á sua ação dinamica e á sua individualidade desbordante. Quasi a mesma coisa você disse a respeito do Oswaldo. Interessante tudo isso, não acha?

Como você, naturalmente, será incapaz de se esplicar, prefiro passar adiante.

Vejamos a agora a minha *antologia*, que levará sobre a sua vantagem de ser acompahada de algumas notas elucidativas. Ficará bôa. Vai ver...

ANTOLOGIA

Ah! quem foi que passou pelo meu pomar colorido
e arrebatou os meus frutos maduros! (1)

Ah! já vae Dedéco para os seus quarenta... (2)

Dentro do vagão, uma paizagem arida de caixeiros viajantes,
devorando cousas. Orgia de bananas e ovos duros. (3)

Dentro do meu coração,
dansou-se a dansa silenciosa da renuncia. (4)

Na noite longa-longa, florestal, demente umbrosa—
uma virgem dourada erguia uma lanterna. (5)

Que eu fique mudo, envolto na grave sinceridade do meu silencio... (6)

(Torna-se necessaria uma esplicação: incluindo na minha *antologia* esses trechos em prosa e em poesia, não é meu intuito depreciar os seus autores. Pelo contrario admiro alguns deles).

Vê você, MESTRE que essa historia de ridicularizar as produções dos outros é facilima. Principalmente quando empregamos o seu processo nada decente e ainda por cima temos a ventura de encontrar leitores incautos e ingenuos.

Terminerei agora, meu insigne critico joven. De você nada mais direi. Basta que eu fale sómente isto: você é o T da FESTA. Procure no dicionario e veja quantas palavras bonitinhas começam por essa letra. Por ezemplo: tôlo, trouxa, tabaréo, e edicétera.

Janeiro de 1928.

FRANCISCO I. PEIXOTO.

NOTAS—(1) Barreto Filho, poeta das vegetaes, teluricas nostalgias e das interrogações ousadas; (2) Adelino Magalhães, escritôr das adivinhações supreendentes; (3) Brasilio Itiberê, burilador de paginas jogralescas, de uma alegria de sol amanhecente; (4) Cecilia Meirelles, poetiza das estranhas cadencias universalisticas; (5) Murillo Araujo, poeta das iluminações *agiorno*; (6) Lacerda Pinto, vate de uma espiritualidade delicadissima.

SINGERMAN. STOLEK, ETC., ETC.

A sra. Singerman poderia não declamar um só verso brasileiro e não tolerar um unico poeta nosso, pensando que todos fossem cheirozinhos engommadinhos e insupportaveizinhos como o morubixaba Osvaldo Orico, e ser muito amiga do Brasil. Não enxerguei tambem, em qualquer minuto, no gesto ingratissimo da sra. Singerman offensa ao Brasil. Ora bolas. Quem é a sra. Singerman, com todo o seu orgulho e mais a récua dos que a praclamam genial, como se o genio, ao envez de ser o que é, fosse um phenomenozinho vulgar? O caso limitou-se a isto: á ingratidão de quem tanto devia ser grata ao Brasil e aos brasileiros.

Pretenderam até intrigar-me com o sr. Ministro do Exterior, como se s. ex. não tivesse o que fazer. A argentinidade da sra. Singerman—deixem que accentue—é só para os effeitos de bilheteria na nossa Idiotolandia. A minha intenção declarada foi esta: que se soubesse disso ahi e que os meus patricios e patricias, por castigo merecido não lhe levassem mais acontribuição do seu applau so e do seu dinheiro, que não mais se apercebessem della e de sua arte «unica»(..) que imitassem, ao menos, os argentinos que até hoje não a «llevaron el apunte». Os «exitos imperecedouros» «aqui em Buenos Aires e a que se referiu o marido e empresario na carta á «A Tribuna», de Santos, ainda que fossem authenticos, seriam uma consequencia da reclame atordoante que faz. Mas esse mesmo «exito», por effeito dessa mesma custosa reclame dependurada nos muros vadios. da cidade, obtem os bichos amestrados do Parque Japonez, os xaropes e as pillulas purgativas de qualquer boticario inexperto. A virtude está apenas no cartaz.

Os commentarios que ahi se publiraram, o sr. Viggiani, matreiramente, transmittiu-os para aqui, pelo cabo. Uma manha (e este ponto desejo aclarar bem para esmigalhar a injuria que o «Diario da Noite» e a «Folha da Manhã», de S. Paulo, acolheram) depois de ha ver rechassado systhematicamente o sr. Stolek e não acceitar a sua tardia «Boa vontade», fui por elle, de novo, importunado em minha casa. Estava escrevendo a conferencia para a «noche brasileña», de 10 de Setembro, em «La Pena». Mandei que o meu criado o trouxesse até mim. Educadamente, offereci-lhe assento e perguntei-ihe a que vinha. Desentranhou do bolso, com ar de compuncção, um maço de telegrammas e alludiu aos commentarios de certos jornaes, no Rio. Falei-lhe com franqueza: que lamentava as adulterações e, com a lisura de que sou capaz, adeantei o que fizera: que escrevera cartas a alguns amigos de imprensa, narrando-lhes o caso e pedindo-lhes que agissem como se lhes afigurasse melhor. E mais: que era desejo meu escrever, eu proprio, esses commetarios e remettel-os pelo correio, mas que, por falta absuluta de tempo, não o conseguira. Isso foi, porventura, protestar innocencia? E, por acaso, já nasceu o homem que me possa atemorisar?

Disse-lhe ainda qne, assim como não me considerava culpado pelo incendio de Roma, quando Nero foi Imperador, não poderia ter a culpa daquillo que entendessem escrever taes ou quaes diarios, dentro de sua autonomia. Continuava a declarar-lhe que a snra. Singerman, ao contrario do grande violinista David Bolia e da admiravel declamadora Wally Zenner, recusára o seu concurso á festa do Ateneo. O snr. Stolek, com o seu palafratorio de vendedor de moveis a prestações, sem entender de psychologia, não lendo o que sou na minha face mascula, insinuou, então, a remota possibilidade de desafiar-me para um duello. Ahi. esquecido de que o tinha em minha casa, approximei-me mais e gritei-lhe:

—"O snr. tem o topete de vir perturbar-me o trabalho, cuidando que me acovardo com duello?"

Sem esperar que me respondesse, prosegui, talvez um pouco exaltado pela insolencia desse individuo:

—"Duello? Acceito-o já e já, mas sob a condição de que seja á brasileira. Nada da comedia de padrinhos, phrases protocollares, medicos e... lavadeira á distancia. Homem a homem".

Exaltação momentanea porque se reflectisse como costumo reflectir, teria chamado o meu criado Francisco e ordenado:

«Ponha esse sujeito na rua com um pontapé no rabo!

Só isso, para continuar a trabalhar.

Fil-o, porém, engulir a ameaça, mesmo longinqua, e romantizar a vóz. Os meus amigos no Rio ou na Conchinchina, os que, de facto, me conhecem, sabem que esse episodio só podia ser assim como estou contando. Eu, na vida, e na idade em que estou, apenas me arreceiei de uma coisa: de poder, um dia, chegar a ter medo. Mas esse dia não chegou, nem chegará porque, muito cedo, eduquei a minha vontade, que é inquebrantavel. Não bravateio, nem interpreto o espadachim. Eu amo é a paz que me permitte

trabalhar. Em horas perfeitamente opportunas, e sempre por motivos justos, appliquei uns pares de pescoções em determinados patifes. Repetirei a dóse, se for preciso...

Como já expliquei tambem, o meu telegramma ao sr. Viggiani passei-o por generosidade, antes as supplicas do sr. Stolek. Quando esse individuo, pela centesima vez, na tarde desse dia (o do duello...) me importunou, choramingando, medroso do fracasso dos recitaes de sua mulher e esporeado pelos telegrammas repetidos daquelle empresario, ainda me oppuz a qualquer remendo. Consultei, no entanto, alguns brasileiros que, no momento, estavam commigo e, um delles, o dr. Ezequiel Ubatuba, foi até quem redigiu o telegramma. Eu modifiquei o texto para «brasileiros resentidos etc.» «resolvemos» acceitar explicações etc. Com isso quiz dizer que, «resolviamos» acceitar as explicações, não por nellas acreditarmos, mas para não espediçarmos mais tempo com o caso, afinal sem importadcia para a rotação do planeta.

Pois bem, depois disso, dessa acção piedosa. esse sujeito, ao envez de desembarcar ahi de rabinho entre as pernas e caçar os seus nicheis, desandou a bravaterar, apoiado na poltronice criminosa de alguns patricios meus. Peor para elles que, em publico, se revelaram o que são.

Uns anatolezinhos de bobagem, edição Quaresma, com a sua displicenciazinha pretenciosa, como o sr. Mucio Leão, que pensam que a Grecia é Cascadura, atiraram-me pedras. Achei graça na bravura. De um momento para outro, sacudirei convenientemente esses escribazinhos mediocres que se acreditam intangiveis porque, á mingua de occupação mais séria, andam a coçar a base do ventre illustre desses graves senhores do «Petit Trianon». Não perderão por esperar.

ILDEFONSO FALCÃO.

C A N Ç Ã O A O S O L

Ergue a enxada...
Nú da cintura pra cima...
Brilham as costas recurvadas...
Não tem arado nem charrúa...
Vae trabalhando ao deus-dará...
Numa sombra balança a borracha com agua fria...
Põe na boca uma isca de fumo pra mascar...
Aperta a fome
Consulta o sol com a cara pro ar...
Ainda está cedo pra comer...
Toca de novo fazendo a limpa do roçado:
—Palitó de negro é peia,
Gravata de boi é canga...
—Chite! (sopra cansado).

Consulta de novo o sol...
De enxada ao hombro... Borracha ao lado...
Vae terminar a canção no terreiro depois da janta...

(Rio Grande do Norte)

JORGE FERNANDES (Autor do LIVRO DE POEMAS)

MARIA LAVADEIRA

Maria Lavadeira
da beira do córgo
estende roupa no varal
bate roupa na pedra
lava roupa dia inteiro
    semana inteira
    sem descançar!

Ah! vida escomungada...
Um diluvio de filhos remelentos...
O marido levado da bréca...
A casa toda escorada
com a imagem suja
    de
    Nossa
    Senhora
    do
    Perpetuo
    Socorro
do lado de fóra da porta...

Bendita Nossa Senhora
    do
Perpetuo Socorro
que não deixa a casa
    da gente
    caír!

    Antigamente
Maria Lavadeira inda passava
    o tempo melhor.
Veiu a danada da bexiga
estragou com éla
não dando mais gosto pros outros
de enganar o marido déla...

Ah! Maria Lavadeira, assunga a sáia
    atola os pés
    no barro preto
    da
    beira
    do
    córgo
estende roupa no varal
bate roupa na pedra
lava roupa dia inteiro
    semana inteira
    sem descançar
sinão teu marido te xinga
    te bate
    no lombo...

FRANCISCO I. PEIXOTO.

NOTICIAS SOBRE LIVROS E OUTRAS NOTICIAS

TRISTÃO DA CUNHA -- "A' Beira do Styx" -- 1927.

Ao sr. Tristão da Cunha se poderia fazer a mesma restricção que Montherlant faz a Barrés. E talvez com mais justiça. E' um homem que, voluntariamente, poz-se á margem da vida e olha a corrente que passa. Olha e sorri.

Attitude prudente e sabia. A alguns parecerá indifferença ou scepticismo. A mim, que conheço o homem, parece-me que essa posição é antes de fuga do que de observação. Antes desgosto do que indifferença. Antes certeza do que duvida.

A vida, considerada de maneira absoluta, só nos pode offerecer a sua profunda inanidade. A maior parte dos homens, por via da razão, decidem que o melhor é toma-la a sério e marcam um objectivo, para onde caminham, embora convencidos da sua inutilidade. Outros, porém, e poucos, não sentem essa necessidade de agir. Afastamse. Os romanticos soluçam. Os scepticos perdoam e sorriem.—Scepticismo não é volupia, é destino. E, por lucido e solitario, talvez mais infeliz do que os outros.

Convencido da situação vagamente grotesca do literato na America Tropical, o sr. Tristão da Cunha escreve pouco. Mais para si do que para os outros. Constata factos, anota impressões, emitte conceitos. Por isso tem fama de cultivar a preguiça.

De vez em quando reune esse material e o distribúe entre alguns amigos. Agora, por exemplo, anda passeiando «A' beira do Styx».

A paizagem, que pela localisação se esperava torturada, apparece antes amena. Existem mesmo remansos da mais umbrosa frescura. O turista trabalha para transformar o tumulto e motivo em fonte de belleza. Daquella belleza abstracta, idéa geral, conceito absoluto. Daquella que só visita os toccados pela graça divina. Os que acreditam nella...

Um amigo commum disse-me um dia que o sr. Tristão da Cunha é o unico homem que, dentro do torvelinho de uma grande cidade, consegue se preoccupar com ideias geraes entre meio dia e cinco horas da tarde. Imagina elegías na hora do drama. E não é porque elle não sinta o drama, ou não o entenda. E' porque o teme.

Do sr. Tristão da Cunha diz o sr. Idem de Athayde: «é um espirito anterior á guerra».—Acho que é antes um sensivel. Um homem que procura paz numa philosophia de adaptação á vida. Tranquillo por razão, não por indole. Um cerebral.

E é por isso que o sr. Tristão da Cunha, um dos homens mais intelligentes do Brasil, poz-se á margem da corrente que passa. E é por isso tambem que se afastou da esthetica nova, que elle apprehende com rara lucidez e perfeito sentimento, mas com que não communga. Foge do tumulto. Receia a vida e escreve coisas claras e suaves.

Melancolicamente.

AFFONSO ARINOS (sobrinho)

AUTORIA DA ARTE DE FURTAR (Conclusão).

Como si á carencia pouca suprisse e não excedera já a recolta valerosa, tambem José Maria Latino Coelho, do passo que assegura ser o genio o estylo, capaz se diz de saber Vieira ou Bernardes ou Camões, á simples audiencia em seus legados memorandos, sem que delles a autoria antes lh'a dissessem.

Mal grado tudo isso, mal grado versados na Rhetorica imperecida, ainda hoje nos arrogamos o desaire de confessarmo-nos dubios ante a autoria de certa «Arte de Furtar»! Dir-se-ia avassalado todo o classico saber pelo arremesso incontido da *futurista* cohorte! E' diante de tal sandice que asado se nos assiste o repetir com o grande Cicero: «o tempora! o mores!»

Devéras, ao Padre Vieira em dia de hoje não cabe imputada autoria tal, sem grave literario erro, do mesmo passo que irreverente sacrilegio: *«tales hominibus fuit oratio, qualis vita»*.

Vejamos alfim os mesmos sabores de estylo do escorreito seiscentista, pondo que, na classificação ciceronica (Orator, V. 20) reportando-se ao «excessivo gosto de Vieira ás antitheses», facultamo-nos consideral-o incorrido no «estylo sublime»; já nos amplos graus do inolvidavel Aristoteles (Rhetorica,

III, 12; apud. «Praxes estylisticas» do dr. João Pedro de Assis Magalhães) hemos considera-la na pratica do «estylo sermonyco» ou estylo pulpitico».

Ora, como de publico dominio, a «Arte de Furtar» escapa a taes generos sendo, por maior e em especie, na essencia, amago e fórma, uma daquellas cathegorias de estylo denominadas pelo profundo Silvestre Pinheiro: seja «extravagante», pela abundancia de catachréses, seja «alambicado», ou seja «inchado», de par com ser «pesado» e «prolixo»; vez que possivel nos não é nomeal-o, a esse estylo, de «academico», pela prioridade delle aos illustres cenaculos, mesmo ao grande Alembert, autor da designação em ultimo.

Como vêm os leitores amigos, sobram razões em nosso abono. Relevem-nos ajuntar-lhes mais as que se vão seguir, deduzidas ainda de methodico exame.

Por estylo se tem comprehendido a maneira peculiar de exprssarem os escriptores, isto é, e attendendo ao sublime Bossuet, o modo privado porque representamos nós, da alma os movimentos. Ora, esse «privado modo» tanto se opera pela estylistica, ou syntaxe literaria, quando pela syntaxe propriamente dicta. Do primeiro caso demos anterior irretorquivel argumentar e do segundo ora o intentaremos.

A. FONSECA LOBO.

OSWALD DE ANDRADE

A ESTRELLA DE ABSINTHO

Ed. Helios — S. Paulo — 1927

A coisa mais caracteristica neste romance de Oswald de Andrade é a visivel inteireza do homem na obra. Oswald de Andrade vive em seus bonecos. Se parece com êles. Essa constatação não é propriamente «incondicional», victoriosa. Mas é, em parte, muito verdadeira e de facil poder observativo pro leitor agudo, perspicaz. Basta tomarmos como prova a figura simpatica de Jorge d'Alvellos, moço escultor, elegante, libertino etc.

Auto-biografia? Não. Não chego a tanto. Mas a figura é escandalosamente impressionante, viva. Tão viva e tão verdadeira que a gente quasi desconfia que ela é a encarnação do proprio autor. Oswald vai seguindo, com um admiravel geito penetrativo de anotador, o desenrolar dos fatos e das coisas. Sem enfarar. Deliciosamente. Sem se preocupar muito com o final da historia. Como quem diz: «no fim dá certo...»

Pra maior documentação do que seja o «por dentro» de suas personagens Oswald de Andrade não hesita em fornecer-nos detalhes da vida passada deles. A meninice de Jorge no inesplorado Amazonas. Os bonequinhos de lama. Primeiros indicios de sua patente vocação prá escultura.

«Ele era como os rapazes da região que, estalada a puberdade, migram, deixando o mulherio ficar n'uma prévia viuvez, de coxas ardentes e semi—abertas, sonhando casamentos absurdos e prostituições impossiveis.»

Temperamento ultra - sensual (Freud...) de onanista insaciavel. Etc. Decadencia moral, objectivada pelo ecesso de «caricias habituaes». Esgotamento histerico. Nevrose etc, e—daí, a descoberta de um novo mundo nos seios «em pêra», pequenininhos, de Alma. Elastica. Serpentina. Flexuosa. Pequena «escolada» enfim, como se diz. Ás vezes Oswald de Andrade abandona de lado o pessoal e cai, de prancha, num estado passageiro de lirismo sub-consciente. E faz poesia da bôa, quasi. Mal de prosador poeta. (Plinio Salgado, por ezemplo). Como naquelle pedaço da romaria em Pirapóra. Negros dançando. Caracaxás. Pandeiros.

Um pouquinho de tristura brasileira. Pra não perder o geito de ser triste. Poesia.

«E o coral empolgante, religioso, gritava de toda parte, por cem peitos metállicos de femeas e de machos, num desfallecido estreitamento de ancas e de sexos». Gosei á bessa com este pedaço. Oswald de Andrade não escreve por escrever, como qualquer sujeito interessante não. Escreve afirmando tudo muito direitinho. Suas ideas e conceitos emitidos. Sem titubear. Com firmeza. Porquê sempre foi assim que êle fez. Ha pedaços fertissimos no livro em que Oswald de Andrade se revela um psicologo formidavel! Puro Rafael Lopéz de Haro (com perdão dos senhores que não vão á missa do já celebre romancista hespanhol).

A linguagem empregada no *estrella de absintho* é, sem duvida, admiravel.

E aí o autor se afirma mesmo um dos milhores prosadores nacionais. Entre antigos e modernos.

Um livro como este vale por duas vezes. Pela originalidade única do seu autor. E pelo traço forte com que elle marcará, prás gerações vindouras, a espaventada atitude de ousada independencia espiritual de Oswald de Andrade.

F.

Baianinha e outras mulheres.

A sensibilidade do sr. Ribeiro Couto é um caso á parte nas letras brasileiras. Porque o seu caso é tipíco como o seu estílo.

Nesse livro de contos êle é o mesmo homem ironico e piedoso das produções anteriores. Não variou na maneira de vêr e de sentir. Felizmente. A ironía e a piedade são as tintas mais caracteristicas desse grande enamorado de ambientes discretos.

Nada de quadros berrantes: todos leves e comunicativos. Nunca molhando o pincel de todo... Quando o observador principía traçando forte surge o coração do poeta e suaviza o colorido.

11 contos. Alguns publicados anteriormente. Todos sem enfase. Sem tiradas de efeito. Mas a gente percebe naquêles periodos simples e despretenciosos um profundo desencanto. Desencanto e alguma tristeza. Uma tristeza mansa que até nos faz bem...

Que delicioso recolhimento intimo tem a sua prosa! Entretanto as palavras vêm claras e precisas. Eis a sua qualidade mais simpática: sinceridade de expressão.

O fixador de *Baianinha e outras mulheres* avançou bastante. O adoravel Ribeiro Couto quasi tímido de hontem passou agora—apezar da confusão do momento — a trilhar que *O Crime do Estudante Batísta* e outros livros deixaram entrevêr. Diante dêle surge uma linda clareira. E' fincar barráca e esperar a caça. Esta não faltará.

Tudo nos diz que o autor de tanta coisa béla póde trabalhar confiante. Tendo a certeza de ser o mais simpático intelectual da sua geração.

GUILHERMINO CESAR.

Notas sobre Clan do jaboti (poesia).

O pequeno volume que Mario de Andrade acaba de publicar não é—propriamente, um livro regionalista. Porém um livro de inspiração regional. Principalmente.

E como todo livro desse poeta, traz a sua nova marca—de—fabrica, resultado de sua constante procura. Não sabemos bem si Mario de Andrade perdeu alguma coisa. Mas... calemo-nos, por emquanto.

O «regionalismo» de Mario não é uma preocupação, tomada a palavra no seu primitivo sentido de significação verdadeira. Porém sim uma consequencia. Espanto maravilhado do poeta pelas coisas ingenuas da terra. Espanto este motivido pelo espirito terra-a-terra—e, portanto, uma consequente influencia dêle, na razão directa do geito ou sentido com que o encaro e compreendo.

Não sei quem duma feita escreveu que Guilherme de Almeida é um sujeito em cada livro. Não concordo com isso. E inda outro dia conversando com o Ascanio sobre o pessoal paulista discutimos muito a êsse respeito.

Guilherme muda de roupa, só. No fundo é o mesmo «parnasiano quebrado», o mesmo imutavel e, comtudo, delicioso—digamos (pra não haver mal entendidos), Guilherme de Almeida. Amigo da fórma, estética, escola e tudo o mais. Mario de Andrade, muito pelo contrario, sempre novo. Sempre diferente. Sempre inédito. Sempre «desmaneirado», esquisito.

E é—justamente, essa falta de «maneira» que o caracteriza, distinguindo-o dos outros modernos como um super-espirito á parte. A mais clara inteligençia da moderna geração brasileira.

O autôr de *Escrava* está ficando, a meu ver, um caso muito sério na ordem—das coisas. E é pena que não se tenha feito ainda sobre ele um pequenino ensaio de fixação. Mas um ensaio de «fixação» fixo. Como o belissimo trabalho do Tristão de Attayde, *Affonso Arinos.*

Mario não improvisa. Não repete. Não decalca. Transforma. Brinca. Modela a substancia plastica dos motivos modificando-a, reduzindo-a, simplificando-a pra milhor adaptar-se a ela, emfim.

Si a primeira fase poetica dêle, o «tesvairismo», se terminou com a publicação de *Paulicéa*, como ele proprio o diz claramente no prefacio dessa obra, *Clan do Jabotí*—enfeixando poemas como: *Brigadeiro Jordão, Côco do Major, Toada do pai do mato. Lenda do ceu. Moda dos quatro rapazes Moda da cama de Gonçalo Pires e etc.*, marca o inicio de sua terceira fase. Fase esta que chamaremos, mais por «comodisno» que por outra coisa, de «regionalista» mesmo.

—

Quem se der a um estudo balanceado nas ultimas producões do poeta, de fins de 1926 até agora, verá que ele hoje está mais seguro de si (no sentido de «firme», porquê Mario de Andrade nunca andou fóra de si). mais equilibrado e que a sua nova «marca» se acomoda muito bem com o seu geito fervido-fogoso de poetar. E vai indo «tudo brasileiramente».

O «pau—brasileirismo» *de Losango cáqui* risca o traço que une sua fase primitiva á actual.

O que não ha duvida porém, apesar de tudo o que se tem tido de mau contraele, é que Mario de Andrade continua a ser contado como o sujeito mais interessante do momento. O sujeito que não acha geito na ma-

durêza, por ecelencia. E ha-de ser sempre novo. Sempre moço. Porêm muito, muitissimo diferente daquela figura de Walter Scott que aos oitenta anos brincava de gude só pra dar aos outros uma aparente visão de alegria jovial. Infantilmente.

A «alegria esportiva» em Mario é uma sequencia logica da sua maneira de viver pela qual tudo pra ele é muito bom e coisa nenhuma implica «desinfelicidade».

—

Não é da gente se espantar, portanto, que *Clan do Jaboti* seja uma coisa simplesmente admiravel, visto brótar dum espirito mais admiravel ainda.

F

ARRAIADA MINEIRA

A proposito de FESTA VERDE

Os poetas mineiros da moderna corrente vão aparecendo pouco a pouco. O senso de modernidade preocupa seriamente a geração moça. Essa geração que vive agora de olhos voltados para a nossa alegria criadora. E o ambiente da vida americana surge nas inteligencias de hoje como resultante logica desse instante de inquietação e procura.

Em Minas o modernismo tem sido encarado de modo mais frio. Resultado da distancia que vae das montanhas ao mar. Distancia que dificulta a ação civilizadora do homem do litoral sobre o homem do interior. Olhemos Rio e São Paulo: por lá o trabalho moço tem sido mais serio. (Convenhamos: essa distancia dá ao mineiro certa serenidade na discussão dos assuntos).

Até hontem vinhamos fazendo poesia de continuação. Sem a procura incessante do *original* que caracteriza as produções suprendentes dos Andrades. Razões: muitas. Uma délas: o pudor natural de parecer estravagante aventurando fórmas e concepções novas. Assim tem sido. Não sei si para fortalecer ou atrofiar as nossas letras.

Não se pode determinar ao certo a resultante de tantas forças contrarias. Pode-se dizer—todos estamos vendo—que a coisa está tomando outro caminho. Nos ultimos dois anos a corrente tem se avolumado. E por toda a parte vão brotando as idéas novas. Apoiadas em espeques de cultura variada e fragmentaria. Cultura que se metodiza vagarosamente. E que tende ao definitivo. Definitivo só admissivel para classificação.

—

Vem-nos agora de Ponte-Nova, a «cidadezinha triste escondida entre montanhas», o livro

FESTA VERDE—Caio de Freitas—Ed. Benedíto Souza—Rio, 1928.

O autor ainda não está com o barco abicado á margem de cá. Vem pondo força nos remos para chegar. Tanto assim que esse volume corresponde a um avanço consideravel. Só o que sentimos é o poeta deixar quasi sempre os remos pela beleza do poente; virar-se com olhos enomarados para a noite que vem caíndo e se esquecer do brilho inquieto da cidade nova. Cidade nova que fica perto—cheia de sons e côres vivas—e onde os novos vêm realizando o mais lindo ideal de brasilidade no espaço e no tempo. Caio de Freitas ainda fala em tanques, alameda adormecida, lascivo perfume de mulher e outras espressões já muito esploradas. São versos interessantes, não ha duvida. Mas o poeta de *Festa Verde* não andou bem inserindo tanta coisa velha numa obra por um pouco essencialmente integrada no momento atual.

O fixador dos encantos de Ponte-Nova possue qualidades apreciaveis de penetração. Porêm o seu *modo* ressente-se do habito de rimar. O que traz certa monotonia ás suas produções, como em *A caricia da tarde. Minha carta friorenta* e até *Caixa de brinquedos*. Todas influenciadas pelo senhor Guilherme de Almeida. Aliás no Brasil não ha ninguem que não tenha sido influenciado—ao menos em essencia—pelo poeta paulista. E' principalmente tributo de mocidade. Da mocidade entusiasta que nasceu nos braços dos néo—parnasianos.

Temos esperança que a feição artistica de Caio de Freitas venha de hoje em diante mais original. Não é possivel que o poeta de *Minha Terra Mineira* fique satisfeito com o que até agora tem realizado. A procura constante fará dêle ecelente trabalhador dos nossos anseios de modernidade. Mesmo porque a gente percebe que a ultima parte do livro está animada dessa inclinação espontanea para os nossos motivos.

Por enquanto basta dizer que *Festa Verde*—livro de estréa e de transição—revela um legitimo poeta. E já é muito para quem, como Caio de Freitas, conta pouco mais de 18 annos.

GUILHERMINO CESAR

JORGE DE LIMA
POEMAS
Ed. casa Trigueiros—1927
Maceió—Alagoas

Em Jorge de Lima a poesia não eziste somente no enfileiramento de imagens mais ou menos liricas formando parelhas não.

Eziste em «todo seu corpo». Em tudo o que é seu. Desde o arranjo do livro á justificação da tiragem. Daí José Lins do Rego escrever nas «notas sobre um caderno» que a poesia é o orgão da sua vida interior, o caminho natural de seus sentidos tomarem palavra». Pode haver um pouco de ezagêro na frase. Mas não deixa de ser verdadeira e concordo com éla.

ORAÇÃO

—«*Ave Maria cheia de graça...*»
A tarde era tão bella, a vida era tão pura,
as mãos de minha mãe eram tão dôces,
havia lá no azul um crepusculo de ouro... tão longe...
—«*cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita!*
Bendita!
Os outros meninos, minha irmã, meus irmãos, menores, meus brinquedos, a casaria branca de minha terra, a burrinha do vigario pastando junto á capella...
—«*Ave cheia de graça*»
bendita sois entre as mulheres, bendito é o
fruto do vosso ventre...

E as mãos do somno sobre os meus olhos,
e as mãos de minha mãe sobre o meu sonho.
E as estampas do meu cathecismo
Sahindo das paginas bonitas
para o meu sonho de ave!
E isso tudo tão longe... tão longe...

Poesia fluída. Impalpavel. Metafisica. Jorge de Lima é, inegavelmente, um poeta de valor. É bem aquele homem que faz da realidade das coisas duras, um milagre lindo de beleza interior.

Não é um revoltado não. Mas uma alma bôa que espera. Com um sorriso ironico nos labios. Mas de desapontamento que de malicia. Forçando pra não chorar. «Fazendo de conta»...

Poeta do Norte Jorge de Lima botou muito de sua terra nos seus versos. (E essa é outra grande, granderrima qualidade que lhe reconheço). Não o sertão dos jagunços e bandoleiros safados. Não o sertão perigoso das sêcas e pragas de gafanhôtos. Mas osertão lendario do «moço do ponche-pala». Terra de poetas batutas como êle só!

F.

ELECTRICA—2ª serie n. 1—Revista do sul de Minas. Cheia de infantilidades. E de muitos reclames. Na maior parte deles mal feitos.

Por ezemplo aquêle que Heitor Alves fez do belo livrinho de Ricardo Martins. Em todo caso tem outros bons. Como o do *Regulador Gesteira*.

No meio desses reclames se encontram algumas poesias de Ricardo Martins. De Murillo Araujo. De Heitor Alves. Só.

Palavra de honra que fiquei gostando das duas amostras dos *Rythmos da terra encantada!*

O 1º faciculo da 2ª serie de *Electrica* ainda transcreveu uma poesia de Ribeiro Couto e um pedaço da *Enxurrada* do Tasso que annuncia o *fervor claro* do autor da *A vida em movimento*. Batuta!

«(?) Manuel Bandeira» vai colaborar no proximo numero. Pra quê essa interrogação nas costas do homem, gente?

O serviço tipografico de *Electrica* obriga o leitor a dar cambalhotas. Que fará o pobre do tipographo?

PEIXOTO.

CARÁTULA

AnoIII nº. 114

Hebdomadario de teatro cinema, belasartes e literatura. Muito vivo e muito bem escrito *Carátula* se impõe principalmente pela feitura grafica e capricho na colaboração.

Neste nº. destacamos um poema de Marcelle Ancluir, *Embriaguez*, muito bonito e muito bem pensado.

Notas de critica, cinema, teatro e etc.

F.

LIVROS RECEBIDOS:

Paulo Mendes de Almeida—*Cartaz*—S. Paulo—1928.

Charles Lucifer—*Parmi le soir indefini*—Paris—1927.

Achiles Vivacqua—(Roberto Theodoro) —*Serenidade*—1928.

Aconcagua—revista continental—Buenos Aires n. Setembro—1927.

Heitor Alves—*Vida em movimento*—Passa Quatro—1928.

Festa—mensario de arte e pensamento—Rio—ns. 4/5 6.

Raça—revista moderna — S. Carlos —S. Paulo—Fevereiro 1928.

Nicolás Fusco Sangone—*La trompeta de las voces alegres* Montevidéo—1925.

Christovão de Camargo—*O Enigma Mulher*—1927.

La Sierra—organo de la juventud renovadora andina, n. especial—Janeiro, Fevereiro, 1928—Perú—Lima.

Illustração Paranense—Curytiba—Fevereiro 1928, etc.

BAR CAPITAL DA INGLATERRA

DE

ARIS...TIDES ROCHA

Especialidades:. agua filtrada, sorvete de carne de pôrco, balas de canhão, oléo de oliva em pó, bôlinhos de cimento armado, biffes de fructas extrangeiras, salada de pasteis, café á milaneza, ovos recheados de frangos, empadas de artigos para fumantes, bozó, phosphoros em calda, etc.

Cataguazes — E. F. Aerea — Minas

Praça "Aguia de Haya"